A LIAHONA

Janeiro *1967*

você já pensou?
é muito mais seguro receber
das minhas mãos, pessoalmente,
a sua LIAHONA!

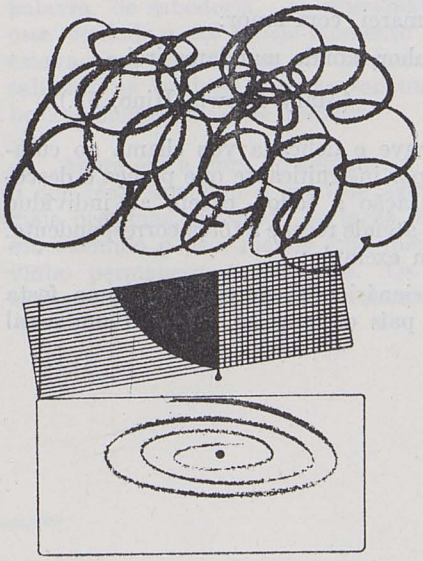
e é muito simples:
olhe, você faz a sua ASSINATURA comigo
(sou o seu representante da LIAHONA)
e mensalmente apanha comigo o seu exemplar
que, convenhamos,
está ficando cada vez melhor!

explorando o universo

Dr. Franklin S. Harris Jr.

COLETA DE ÁGUA E ANÁLISE

A captura de água das nuvens no chão (nevoeiro) é possível em algumas partes do mundo, sob condições especiais, tais como as encontradas na Ilha da Ascensão, no Atlântico Sul, e nos nevoentos desertos costeiros do norte do Chile e do sul do Peru. Foram feitos estudos pela Universidad del Norte, Antofagasta, Chile, usando-se várias tramas de fios de nylon para coletar água das nuvens empurradas contra as íngremes vertentes costeiras do deserto do norte do Chile. O melhor dispositivo coletou cêrca de 17 litros de água por metro cúbico de coletor por dia, ao custo de cêrca de Cr$ 1.650.



A DIETA E O INSTINTO MATERNAL

Não havendo manganês na dieta de fêmea de pombo ou de rato, o animal perde seu "instinto maternal" e não alimentará os filhotes, podendo, ao invés, sufocá-los no ninho.

A LIAHONA

JANEIRO DE 1967 — VOL. XXI — N.º 1

ARTIGOS

Então é disso que são feitos os meninos? 6

Sem ordenanças nenhum homem poderá ver a face de Deus 16

O ensino do evangelho 18

A mais longa noite 25

Minha responsabilidade 28

Crescendo no casamento celestial 30

SEÇÕES

Explorando o Universo 3

Mensagem de Inspiração 4

Ensino 10

Ciência e Religião 12

Sacerdócio de Melquisedeque 15

Meu Cantinho 19

Programa Noite Familiar 21

Escola Dominical 36

Página Feminina 38

Notícias 40

Jóias do Pensamento 41

Ultima Palavra 42

A LIAHONA — R. Afonso Braz, 464, 3.º, cj. 31 fone 61-2344 - São Paulo.
Hélio da Rocha Camargo, *Editor;* Laís Nely Manzotti, *Redatora;* Rui Marques Bronze e Floriano Peixoto da Costa, *Fotógrafos;* F. Máximo, José Vieira Neto, Merly P. Stringhetti, Regina Kauag e Tereza Cristina da Rocha Costa, *Tradutores.* A Revista "A Liahona", editada pelo *Centro Editorial Brasileiro,* é o órgão oficial em língua portuguêsa da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias.* Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráfica S.A., R. Ana Neri, 466, São Paulo.
Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP.
Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215 - fone 80-4638, C.P. 862, São Paulo, SP.
Missão Brasileira do Sul, R. Gal. Carneiro, 490, fone 4-8016, C.P. 778, Curitiba, PR.
Missão de Construção, R. Itapeva, 378, fone 33-6761, São Paulo, SP.
Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine — The Children's Friend e Church News.*
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação.
Preços: Brasil, Ano: Cr$ 3.000; Exterior, Ano US$ 4.00; Exemplar: Cr$ 300; Número Anterior: Cr$ 600.

Nossos Silenciosos Sermões

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

Pres. David O. Mckay

Quando temos oportunidade de pregar o evangelho por preceito e exemplo? Em nossas reuniões sociais, em nossa política, em nossas relações comerciais, na lavra do campo, em nossa lide, em todos os afazeres da vida onde a defesa da verdade deva exercer-se. Mas talvez nunca haja uma boa oportunidade de pregar o evangelho restaurado a uma multidão reunida. Em verdade,

Talvez não seja em alto mar,
Que Cristo vá me mandar;
Talvez não haja conflitos lá,
Nem trevas eu vá encontrar.
Mas quando o Cristo me chamar
A sendas que não trilhei,
Eu proclamarei, com amor:
Ó Senhor, aonde mandares irei.

(Mary Brown, Hino, 57.)

Quando esta suave e delicada voz chama ao cumprimento do dever, por insignificante que pareça e desconhecida a sua realização a todos, exceto ao indivíduo e a Deus, aquêle que atende recebe a fôrça correspondente. Deixem-me citar um exemplo:

Um jovem missionário foi convidado a uma festa de casamento num país estrangeiro, no qual um casal

conhecido foi unido pelos laços do matrimônio, tendo sido a cerimônia realizada por um ministro de outra igreja. Êste jovem era o único membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no meio de uma centena ou mais de hóspedes à mesa do hotel. Ao lado de cada prato havia uma taça de vinho, cheia até à borda, e também um copo de água.

Após a cerimônia, estando os convidados em seus lugares, o ministro levantou-se e disse: "Agora proponho que todos nós bebamos à saúde do par recém-casado."

Todos os convidados levantaram-se. A etiquêta sugeria que o nosso jovem tomasse a taça de vinho. Era um missionário; pertencia à Igreja que prega a Palavra de Sabedoria, revelação direta de Deus ao Profeta Joseph Smith. Desde então a ciência a tem comprovado uma palavra de sabedoria. O missionário estava pregando essa verdade e até aquêle momento tentara vivê-la. Ali estava uma ocasião em que poderia amolecer; ninguém saberia; na verdade, parecia ser uma demonstração de boas maneiras, mas êle resistiu.

Agora era a hora de defender a sua Igreja, e isso foi o que fêz. Apanhou o copo de água e algumas pessoas mais próximas, deixando as taças de vinho, seguiram o seu exemplo e pelo menos uma meia dúzia de taças de vinho permaneceram intactas. Os demais observaram isso e a circunstância proporcionou uma excelente oportunidade de conversar com êsses convidados sôbre a Palavra da Sabedoria.

Ficou êle vexado? Não, ficou fortalecido. Ficaram os convidados embaraçados? Não. Procuraram condená-lo? Não. A condenação foi substituída pela admiração, como sempre ocorre nos corações dos homens e mulheres inteligentes e tementes a Deus.

Admiro, também, aquêle conselheiro da presidência de uma estaca que, numa reunião política, quando solicitado a beber à saúde do seu partido, deixou a champanha intacta.

O presidente do partido veio e disse: "Você não respondeu ao brinde pelo nosso sucesso. Não está conosco?"

O nosso irmão respondeu: "Sim, brindei." O outro replicou, "Mas a sua champanha está intacta!".

"Mas", replicou o conselheiro, "note que o copo de água está vazio. Não bebo champanha nem inebriantes, mas estou com você em desejar o sucesso do partido."

O homem apertou a sua mão e disse: "Admiro a sua fôrça de viver conforme os seus princípios."

Êles sempre o fazem. O mais poderoso sermão é com freqüência o silencioso sermão das nossas ações, em conformidade com aquilo que o mundo sabe ser a nossa crença

SEXTO CAPÍTULO DA SÉRIE
"ENTÃO É DISSO QUE SÃO FEITOS OS MENINOS ?"

O PERÍODO QUENTE E FRIO

(continuação)

por *W. Cleon Skousen*
Chefe de Polícia de Salt Lake City

Febre de dinheiro

É geralmente durante o "Período quente e frio" da vida de um garôto que seus pais fixam para êle uma mesada. A maioria dos pais já terá feito tentativas esporádicas dêste tipo anteriormente e talvez até tenham recebido seu primeiro tratamento de choque em questões financeiras quando o júnior atravessou a febre de dinheiro que ataca aos três. Naturalmente, àquela época êle apenas tinha ganância por notinhas de pequeno valor, mas a menos que seus pais o tenham mantido com rações frugais de cruzeiros, êle provàvelmente ter-se-á tornado um cavador de "Cabrais" e "Tiradentes".

Desenvolver a noção do dinheiro nas crianças é uma ciência e uma arte. É como atirar o dinheiro para êles em quantidades que carecem de significado intrínseco. Assim como os estragamos com comidas ricas demais e destruímos muitos prazeres delicados do paladar, assim lhes damos dinheiro segundo padrões adultos, ao invés de valôres infantis. O pediatra nos recomenda manter as mesadas e prêmios das crianças em níveis reduzidos. Durante dois ou três anos deve-se-lhes dar apenas de cinqüenta a cem cruzeiros, até que os pais se certifiquem de que o júnior compreende que tem de se esforçar para ganhar duas ou três notas. Por essa época êle provàvelmente achará que duzentos cruzeiros é um prêmio e tanto, digno do maior empenho. Notas de duzentos geralmente serão o bastante durante mais um ano ou dois. Então, quinhentos e mil cruzeiros passam a representar algo e cinco mil é uma verdadeira fortuna.

Seguindo êste padrão, mesmo os pais ricos têm conseguido ensinar a seus filhos genuíno respeito pelo valor do dinheiro. Em contraste com isso, constata-se que qualquer pai excessivamente generoso, que esbanja notas de mil para demonstrar seu amor pela criança descobre pouco depois que obtém menor reconhecimento por seus "Tiradentes" que outros por notinhas de cem e duzentos.

Dinheiro e trabalho

O que é o dinheiro? Apenas quando o júnior identificar o dinheiro como o suor do rosto de alguém poderá apreciá-lo devidamente. E essa apreciação será parti. cularmente convincente se representar o *seu* trabalho. Mas conseguir isto é pràticamente um milagre.

Uma criança entre três e sete anos raramente faz mais do que brincar de trabalhar. Tão logo o trabalho deixe de ser brinquedo, é abandonado sem remorso. Eis porque é sempre útil fazer com que o pequeno trabalhe junto com o papai ou a mamãe "só de brincadeira".

Ao estabelecer mesada para as crianças, a maioria dos pais exige a execução de pequenas tarefas. Como elas geralmente não são cumpridas, a maioria das mesadas morre no projeto. Esta má disposição para com o trabalho continua ainda por muito tempo. Por volta dos oito anos, no entanto, a maioria dos meninos já cumpre muito melhor pequenas obrigações. A verdade é que esta é uma boa ocasião para se dar início a uma mesada por merecimentos, pois os oito anos são outra fase de febre de dinheiro. O garôto já compreende, por esta época, que o dinheiro é soberano e não só os pais necessitam dêle para atender às necessidades vitais, como também um menino precisa de um pouco do vil metal. Se não, como poderá comprar um aeromodêlo, uma lanterna ou entrar na matinê? Essas perguntas girando na cabeça de um garôto representam uma bênção maravilhosa para seus pais. Elas são o remédio mais eficiente contra a alergia ao trabalho.

Para se ensinar um garôto a trabalhar, precisa-se negar a mesada quando o trabalho não é feito. Ou ainda encurtar o pagamento por coisas mal feitas. Naturalmente os pais precisam avaliar os resultados em têrmos infantis, não adultos.

Um garôto deve ser pago por tudo o que faz? Os especialistas respondem que "Não, de forma alguma." Êle deve aprender a fazer certas coisas só "por amor" ou apenas para surpreender seus pais. Mas os moleques procurarão negociar. "Quanto vou ganhar para enxugar êsses pratos?" pergunta o júnior. Uma mãe inteligente responde: "Nada, filhinho. Você enxuga os pratos, enquanto eu preparo o lanche para o piquenique. Hoje nós dois estamos trabalhando por amor."

E quando o garôto deve receber o pagamento? A resposta é: "Imediatamente." Não há nada de mais decep-

cionante para um menino do que anunciar triunfante a seus pais que a tarefa foi cumprida e então ouvi-los responder:

"Muito bem. Eu te darei o dinheiro mais tarde, quando tiver trôco."

Retrato de um garôto entre 10 *e* 11 *anos*

Convém lembrar que após o júnior ter encerrado a acidentada carreira dos seis anos, começou a seguir um padrão de comportamento muito mais suave, através dos sete, oito e nove anos. As variações da maré foram evidentes, mas os contrastes não eram tão extremos. O período entre nove e dez anos marca o ápice dessa fase de amadurecimento e bem pode ser denominada a idade de ouro do garôto. É sua hora de satisfação. Êle consegue equilíbrio e desinibição. Tem boas maneiras, consideração pelos outros, pede permissão para fazer as coisas, acomoda-se às exigências dos adultos — e tudo parece fluir naturalmente. Já pode assumir algumas responsabilidades, limpar ocasionalmente seu quarto, tomar banho direito, levar recados e fazer alguns trabalhos ocasionais. Talvez brigue um pouco com uma irmã ou irmão um pouco mais moço, mas adora tomar conta do nenê ou de qualquer irmãozinho de menos de cinco anos. Êle provàvelmente tem bom aproveitamento na escola, não depende tanto

Foto de Floriano P. Costa

dos professôres e tende a criticar menos a professôra, contanto que ela seja simpática e torne a aula interessante. O garôto dessa idade gosta da vida familiar, não é muito dogmático em suas opiniões, aprecia passeios e excursões em família e geralmente satisfaz-se com pequenas competições na vizinhança. Êle é grande fã de televisão e leitor de histórias em quadrinhos. Acha-as muito sugestivas e freqüentemente aplica em sua turminha as promessas de lealdade, juramentos e missões secretas. Por esta razão, tanto os programas de televisão como as coisas que lê devem ser bem selecionados.

Quando faz alguma coisa digna de mérito, aprecia louvor, mas não gosta de destacar-se. Êle quer ser como seus amigos e não muito diferente dêles, mesmo nas proezas. Suas manifestações de mau humor são geralmente rápidas e superficiais. O pequeno desta idade ainda tem muito que aprender quanto ao que é certo e o que é errado. Em geral êle é sincero a respeito de coisas importantes e vitais, mas descuida-se das coisas sem importância e precisa ser advertido.

Os dez anos são, portanto, um período de "cada um por si". O garôto gosta de pessoas e coisas amistosas e sem formalismo. Se o lembrarem, êle dependura as roupas, mas se não, deixa-as no lugar onde as tira. É uma boa vida, quando se trata de trabalho, mas pode-se entusiasmar genuìnamente com o que faz junto com o pai ou a mãe.

Contanto que os pais sejam flexíveis em suas exigências com o garôto de dez anos, verão que êste período é um interlúdio agradável e feliz.

Recapitulando os fatos da vida

Como o período dos dez aos doze é uma idade agradável e de bom trato, esta é geralmente a melhor ocasião para se ter uma longa conversa a respeito dos fatos da vida. Já por esta época o garôto conhecerá o bastante de suas próprias emoções e sentimentos pessoais para interpretar o que lhe fôr dito. Êle tem idade suficiente para acompanhar todo o miraculoso processo da procriação e em geral reage bem a uma revisão dos diagramas e quadros de biologia que já lhe foram apresentados anteriormente. Gosta também de ouvir seu pai ou mãe expor os processos da vida de forma científica e natural.

Com esta idade o júnior já terá escutado muitas insinuações furtivas dos meninos de sua idade e, sem dúvida, terá sido exposto a uma boa dose de vulgaridade. Por isso, é extremamente importante que quando êsses assuntos são abordados com êle, "de homem para homem", o pequeno desenvolva respeito por si mesmo e pela namorada com quem se casará algum dia. O "amor" nunca é insignificante para um garôto de dez anos como muitos pais supõem e a maioria dêles é perfeitamente capaz de adquirir um elevado idealismo nesta idade, a respeito de suas relações pessoais.

Esta é também uma boa ocasião para se discutir com êle o problema dos "*violadores*" e o fato de que garôtos mais velhos poderão tentar iniciá-lo em práticas indesejáveis. Um departamento de pesquisas sôbre a juventude, entrevistando garôtos dessa idade, revelou que maior número dêles está sujeito a influências degeneradoras do que se poderia supor. Antecipando-se desta forma, os pais podem ganhar tempo e contar com o necessário interêsse para estabelecer um clima de confiança e orientar seu filho, de forma que êle possa reconhecer certas armadilhas quando surgirem. Milhares de pais já comprovaram que o ideal da completa integridade moral pode ser atingido por um garôto, quando permanecem a seu lado e auxiliam-no a compreender e a viver inteligentemente com as poderosas fôrças da vida que operam nêle.

Retrato de um garôto entre onze e doze anos

Como já foi mencionado, os altos e baixos do desenvolvimento entre os sete e os onze ocorrem em pequenos saltos, enquanto que de forma global a maré é bastante calma, sem extremos. Os pais são, portanto, apanhados desprevenidos quando repentinamente irrompem no horizonte os dias tormentosos dos onze aos doze anos. Êste é o período em que o dinamismo explosivo do "Período quente e frio" é mais vìvidamente perceptível.

O que é difícil, tanto para o júnior quanto para seus pais de compreender, é que o rapazinho realmente já atingiu o limiar da adolescência. As portas da idade adulta começam a se abrir diante dêle e o que o pequeno vê é tremendamente empolgante. Isto, via de regra, tira um garôto inteiramente fora dos eixos e desvia sua atenção de tôdas as atividades normais da infância.

É claro que seus pais interpretam esta inesperada mudança do júnior como um colapso total em seu desenvolvimento. Parece que êle está voltando mais uma vez aos dias de bebê. Assim sendo, talvez procurem extravazar suas apreensões com o médico da família:

"Nós não compreendemos mais êste menino. Êle estava indo tão bem, ficando mais maduro, responsável, amável e bem pôsto. Nós estávamos bem orgulhosos dêle. Agora já nem sabemos o que pensar. Êle virou um verdadeiro selvagem!"

"O que é que êle faz?" perguntará o doutor.

"Sei lá. Vive vociferando pela casa, não tem modos à mesa, devora a comida como um lôbo, briga com todo mundo, embirra quando o repreendemos, atira as coisas em qualquer lugar, não amarra os sapatos, não toma banho direito, anda no mundo da lua, perpètuamente sonhando e age como se fôsse o único varão do universo!"

"Eu concluo disso", diz o médico, "que como pais os senhores se consideram um completo fracasso".

"É isso mesmo", asseguram-lhe.

Então o doutor passará a explicar o que tem acontecido. O júnior atravessa uma fase importantíssima em que procura provar a si mesmo que tôdas as coisas que seus pais o têm mandado fazer não são necessàriamente obrigatórias. Êle descobriu que é um ser livre, num mundo livre, e que na verdade não *precisa* de fazer coisa alguma. Esta é uma grande descoberta humana, e dentro de algum tempo torna-se a base da auto-motivação e auto-contrôle. Eis porque um garôto de onze anos que ouve repetidamente que deve fazer isto ou aquilo resmunga muitas vêzes: "Não vejo porque *tenho* que fazer isso ... estou num país livre, não estou"?

O doutor pode explicar também que a boa política é manter um pouco de pressão sôbre êle, mas deixá-lo um pouco à vontade, para provar a si mesmo que não é um escravo. Êle tem que descobrir que pode ser desleixado, irrascível, sem consideração e mal-educado se desejar, mas que as pessoas não gostarão dêle assim. É esta conclusão final que geralmente o traz de volta, após uma revolucionária orgia de vários meses.

A explosão do júnior por volta dos onze anos também é melhor compreendida se reconhecermos que se trata de

um impulso natural e saudável de personalidade, refletindo novos e poderosos sentimentos de auto-afirmação, independência e curiosidade. É comum êle nem notar que está sendo indelicado, rude e briguento. Vive sempre desafiando adultos e colegas, para provar que pode ombrear-se com êles; discute, não aceita sugestões, interrompe, fala na gíria, bate portas e liga o rádio ou a televisão no máximo. Seu apetite é também extremado. O estômago do garôto parece um pôço sem fundo. Êle saqueia a geladeira, quer beber leite no litro e comer doce aos quilos. Vive sempre irrequieto e nervoso. Na igreja e na escola, mexe-se sem parar. Em casa esparrama-se numa poltrona como um polvo. Suas sensações alteram-se constantemente. Primeiro êle tem muito calor e logo depois está tremendo de frio. Proclama ter a energia de um alpinista, mas se aparece algo para fazer, está permanentemente fatigado.

No entanto, há uma ocasião em que o júnior livra-se dêsse interminável rosário de problemas: é quando acontece estar longe de casa. Os pais aturdidos vêem-no assumir a pose de um lorde. Êle é polido e cheio de atenções, oferece-se para sair e fazer um favor a alguém e auxilia de bom grado uma senhora vizinha a cortar a grama, enquanto que o seu jardim pode virar pasto. Contudo, esta atitude é de bom agouro, pois demonstra as qualidades potenciais do júnior, que ainda estão vivas e algum dia florescerão em sua conduta diária, ao invés de ficar reservadas apenas para os vizinhos e amigos.

Naturalmente que em casa o júnior pode ainda ser punido e disciplinado de acôrdo com as normas antigas, mas o doutor nos advertirá a não usar isto exceto em casos excepcionais em que o garôto se torne completamente insuportável. É muito importante permitir que o júnior expila um pouco de azedume e rebelião do orgainsmo, neste estágio, de forma a conseguir um ajustamento suave durante os anos da adolescência. Muitas vêzes um garôto forçado a abandonar sua campanha de independência aos onze anos explode aos quinze ou dezesseis. E um marmanjo de dezesseis anos com veia de anarquista é um problema muito mais sério para seu pai que um garôto de onze.

O garôto-problema

Não se deve abandonar o "Período quente e frio" sem antes mencionar que uma certa porcentagem de garôtos não segue o curso de desenvolvimento descrito. Já aos oito ou nove anos alguns passam a proceder como cabras selvagens, aborrecendo tôda a família com uma atividade que ordinàriamente não apareceria até o período dos onze aos doze anos, como acabamos de analisar. O menino-problema caracteriza-se em geral por mentir, furtar, vagabundear, brigar, arrombar, dedicar-se a práticas sexuais e vandalismo, de testar a igreja e fracassar nos estudos. As soluções para tais problemas exigem um ataque simultâneo por muitas frentes.

Em primeiro lugar, o garôto-problema geralmente se ressente de falta de comunicação afetuosa com seus pais. Isto por vêzes se resolve simplesmente fazendo-se com que uma mãe que trabalha fora abandone o emprêgo. Em condições idênticas, um garôto de oito ou nove anos é sempre mais receptivo para com uma mulher do que para com um homem. À medida que o garôto passa dos dez, um homem bem qualificado pode também auxiliar. Não que êle deva tornar-se seu "companheiro". Um garôto ressente-se de que um adulto desça completamente a seu nível. Êle deseja um amigo, mas tem que ser alguém que seja "formidável", que êle admire e a quem deseje assemelhar-se quando crescer. O garôto espera conselhos, não sermões, e gosta de dar uma espiada nas coisas que êsse adulto faz e que êle tanto admira. Esta é a ocasião perfeita para se iniciar êste tipo de garôto em competições esportivas. Geralmente êle prefere atividades físicas às intelectuais e esta talvez seja a razão de sua dificuldade nos estudos. O futebol é quase sempre o favorito, apesar de êle ser capaz de praticar com entusiasmo quase qualquer tipo de esporte, sob supervisão adequada. Um bom líder de garôtos muitas vêzes não só os incentiva a salientar-se nos esportes, como também influencia seu procedimento em casa e na escola. Quando um menino passa a dedicar uma boa dose de reverência a um herói, isto serve de remédio para quase todos os seus males.

O mau aproveitamente de um garôto na escola deve ser analisado por um assistente educacional do próprio colégio. Geralmente êste tipo de garôto é mau leitor e seu desinterêsse pode atrasá-lo por tôda a vida, a menos que essa dificuldade seja superada. Muitos pais adotam a prática de ler em voz alta, para êles, livros emocionantes de aventura, a fim de criar interêsse pela leitura. Uma boa escola pode sugerir ainda muitas outras técnicas.

É importante também fazer um teste com nosso garôto-problema, para verificar se suas condições físicas e mentais são normais. Muitos garôtos já fracassaram na escola porque ninguém percebeu que êle ouvia apenas a metade do que se dizia ou via só uma parte do que aparecia à sua frente. Testes de inteligência podem também indicar que êle aprende com lentidão e que certas coisas não têm interêsse algum para êle. Cada ser humano deve ser avaliado em têrmos de sua capacidade e nem sempre em têrmos das ambições de seus pais.

Se se constatar que um garôto tem limitações físicas ou mentais, isto não significa que êle não chegue a ser um adulto feliz e bem ajustado. Se fôr corretamente orientado, êle bem que poderá ultrapassar as expectativas de todos e sobrepujar completamente sua limitação inicial. Para tanto, um garôto precisa de ser amado como é.

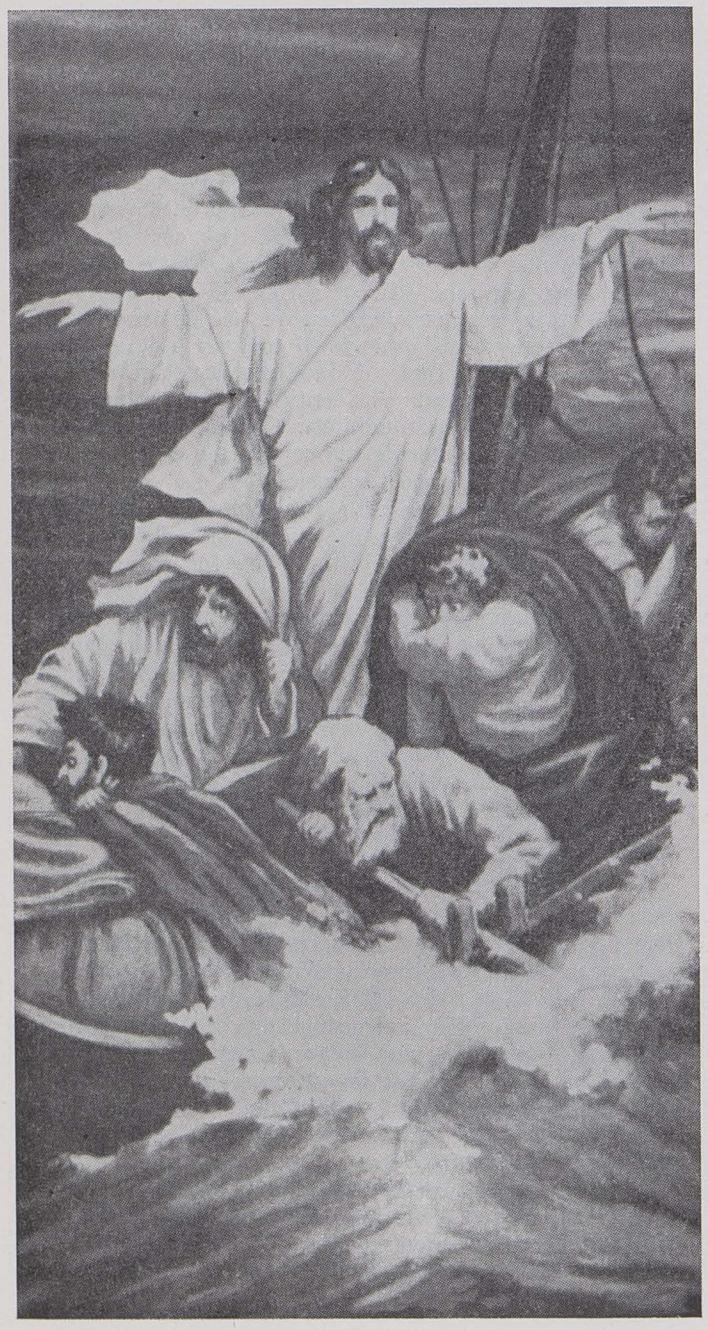
O garôto-problema exige também supervisão constante, ainda que boa parte dela não precise ser evidente. Êle deve ser reconhecido como um problema e é preciso evitar que se desvie dos outros meninos, ficando em contato com êles sem supervisão. Se êste problema não fôr reconhecido, nosso garôto-problema ficará em breve sem amiguinhos, pois os outros pais não lhe permitirão brincar com seus filhos.

Em último lugar, o menino-problema pode ser vítima de complexos e cicatrizes de crescimento, que seus pais não perceberam. Algumas consultas com um bom psiquiatra poderiam esclarecer as dúvidas nesse sentido.

Os pais cujos filhos são normais e integrados devem ser caridosos no julgar um vizinho que tenha um garôto-problema. Sendo a vida como é, alguns meninos são muito mais difíceis de criar do que outros e pais excelentes e conscienciosos poderão estar lutando com uma personalidade difícil, que mesmo uma instituição especializada teria dificuldade em orientar.

Além disso, o garôto-problema numa vizinhança é na verdade um problema de todos e às vêzes algum vizinho pode-se tomar de interêsse pelo pequeno e fazer mais por êle do que seus próprios pais, auxiliando-o e inspirando-o. (*continua*)

O QUE



O que é a fé? Por que é tão importante? E de que modo a fé em Jesus Cristo salva o homem dos seus pecados e da ignorância? Essas perguntas são desafiadoras para o educador religioso — são vitais porque estão na mente dos estudantes e desafiadoras porque são difíceis de responder dentro de um nível de "explanação."

A fé, como vários outros princípios espirituais, só pode ser plenamente compreendida quando submetida a experiência. Uma nebulosa constatação como esta, embora verdadeira, parece evasiva e não chega a satisfazer a mente pesquisadora dos estudantes SUD. Para êles a fé é um assunto sôbre o qual muito se fala e pouco se explica. Reconhecem a sua importância, experimentam os frutos do seu poder, mas anseiam por uma explicação mais completa e racional — uma explicação que possam dar em palavras, com suas próprias palavras.

Naturalmente os estudantes estão familiarizados com Hebreus 11:1, "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem," porém de algum modo essa definição parece um tanto vaga e abstrata. Ela preenche sua finalidade quando o professor faz a pergunta: "João, o que é a fé?" João, porém, secretamente espera que o professor não acrescente algo assim: "Sim, João, qual é o significado disso?" Quando isso acontece parece que nada se tem a dizer.

Reconhecendo as limitações que advêm quando tentamos racionalizar princípios que transcendem do processo mental e envolvem o nível espiritual do nosso entendimento, o escritor gostaria de sugerir uma ou duas idéias que ajudariam João a responder a segunda pergunta, esperando-se que êste exemplo racional estimule a necessária inspiração e motivação para dar a João um conhecimento mais perfeito do que é fé no seu comportamento diário. Na análise final, pôr à prova a fé de cada um, é o único meio de chegar a uma avaliação correta do seu valor.

A revelação trouxe duas suposições básicas de que a fé pode guiar o nosso pensamento. Primeiramente somos informados de que a fé é um presente de Deus. Segundo, é impossível ter fé em algo que não seja verdadeiro.

Êsses dois conceitos, quando aplicados ao princípio da fé, levam-nos a uma nova apreciação do íntimo e pessoal interêsse que o Pai Celestial tem por seus filhos. Êle nos oferece segurança e proteção contra o êrro e as fôrças do mal, se nós tão sòmente aceitamos essa proteção.

Para poder rever racionalmente o processo de se adquirir fé, parece necessário nos tornarmos simples. Para ter fé precisamos primeiramente ter vida, vida que produz

É A FÉ?

Neil J. Flinders,
Instrutor do Instituto de Religião de Ogden

percepções e conhecimentos baseados na experiência. Essas percepções e experiências constituem a matéria-prima com a qual começamos a acreditar, a antecipar ou a esperar que o que ainda não é venha a ser. Tiramos conclusões sôbre coisas que ainda não experimentamos e o fazemos baseados em nossas experiências anteriores. *Acreditar é pensar algo com certo grau de convicção.* A crença começa quando o conhecimento experimental acaba.

A crença de cada um não precisa ser necessàriamente correta. Pode-se crer em algo independentemente de sua veracidade, exatidão, êrro ou possibilidade de ocorrência. Acreditar, então, de acôrdo com os nossos princípios básicos, não significa ter fé.

O segundo passo na direção da fé é agir de acôrdo com a nossa própria crença. Com efeito isso testa a crença. Essa maneira de agir, êsse comportamento, se fôr relacionado com a nossa saúde espiritual, é assunto a ser confirmado por Deus. Se estivermos espiritualmente sintonizados receberemos a confirmação. Nesse sentido Deus nos deu o seu testemunho, referente ao comportamento que devemos ter para lhe agradar e para o nosso desenvolvimento espiritual.

A fé entra em nossa existência depois de têrmos tido uma crença, agido de acôrdo com essa crença e recebido confirmação de Deus de que aquilo que fizemos era bom e verdadeiro. Não poderemos obter fé sem fazer algo que seja verdadeiro e sem receber a confirmação de Deus. A fé é um presente de Deus e os homens não podem ter fé sem a sua ajuda. Além disso, Deus confirmará sòmente o que é verdadeiro e útil para nós. Se Êle confirmasse erros não seria Deus. Conseqüentemente, estamos protegidos para sempre de têrmos fé em algo falso ou que seja prejudicial do ponto de vista espiritual. Os homens podem acreditar com grande fervor em coisas que não são verdadeiras, porém a intensidade da crença, não importa a sua fôrça, não é fé nem possui o poder da fé.

Se obtemos fé em alguma verdade (a fé se compõe de um conhecimento parcial e um testemunho do espírito) e continuamos a agir de acôrdo com ela e a exercê-la, êste processo torna-se o princípio que nos leva ao perfeito conhecimento ou ao conhecimento da finalidade da experiência. A fé, então, leva o homem à perfeição.

Jesus pregou êsse mesmo princípio no sermão sôbre o "pão da vida," feito em Capernaum. Êle percebeu que alguns de seus discípulos não compreendiam o que era a fé.

Percebendo a incapacidade dêles de o aceitarem como o Filho de Deus, disse: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer." (João 6:44) Cada indivíduo que vem a ter fé em Jesus Cristo o faz pela revelação — pela confirmadora influência do testemunho de Deus. O esclarecimento do Salvador a Pedro exemplifica êsse pensamento:". . . porque não to revelou a carne ou o sangue, mas meu Pai, que está nos Céus." (Mat. 16:17)

É êsse movimento na direção de Deus, dirigido pela fôrça da fé, que livra o homem da ignorânica, pelo aumento do conhecimento, mudando atitudes e comportamentos.

Desde o princípio foi necessário aprender certas coisas como sendo "ensinamentos de Deus". Não há nenhum outro jeito de entendermos os mistérios de Deus. A aquisição da fé em Jesus Cristo nos conduz a esta instrução espiritual. Brigham Young disse: "Muitos sabem e continuam a saber e a compreender muitas coisas pelas manifestações do Espírito que, pela organização do Tabernáculo, seria impossível de transmitir de outro modo. Muitas das mais importantes informações são recebidas através do poder do Espírito Santo, o qual se exerce também sôbre o entendimento e sôbre o espírito dos ouvintes pelo testemunho do Espírito Santo do orador.

Esta é a única maneira de que podemos nos servir para transmitir um conhecimento das coisas visíveis de Deus." (*Journal of Discourses,* vol. 8, pág. 41)

Supor que há outra maneira de progredir espiritualmente parece insensatez. O Profeta Joseph Smith disse que a razão da oferta de Caim ter sido rejeitada foi a sua falta de fé. "Caim ofereceu o fruto da sua terra e não foi aceito porque não ofertou com fé, não podia exercer a fé, contrariando o plano de Deus. . . Oferecendo um sacrifício contrário às leis de Deus, nenhuma fé poderia ser demonstrada, porque a redenção não pode ser conseguida por êsse modo. . . por conseguinte, Caim não tinha fé. . ." (DHC, vol. 2, págs. 15, 16.)

Falando da fé e da crença, Brigham Young disse: "Se falamos da fé de maneira abstrata, ela é o poder de Deus pelo qual os mundos foram e são criados e é um presente de Deus para os que crêem e obedecem os seus mandamentos. . . As possibilidades de vivermos sem fé são as mesmas que teríamos se quiséssemos viver sem respirar. O homem, porém, precisa crer na verdade, obedecer a verdade do evangelho restaurado.

Ninguém pode ter fé num falso Deus ou em nenhum outro falso princípio; poderá aceitar, porém ter fé, não. E quando a verdade chegar e êle agir de acôrdo com ela, a confirmação virá e êle saberá da confirmação se estiver preparado para recebê-la.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

A PARTIR DE CUMORAH

NOVAS VOZES DO PÓ

Hugh Nibley

professor de História e Religião
na Universidade de Brigham Young

PARTE III SIGILO NA IGREJA PRIMITIVA

(*CONTINUAÇÃO*)

A Contestação da Incapacidade de Explicar o Sigilo

Tão logo fôra retirada da Igreja a influência repressora dos Apóstolos vivos, grande número de impostores e embusteiros começou a tirar proveito da natureza sigilosa dos primitivos ensinamentos, cada qual querendo inculcar-se como o único possuidor da gnose que o Senhor participara secretamente aos discípulos após a ressurreição.[66] A refutação mais simples de tais pretensões seria insistir em que jamais houvera qualquer ensinamento secreto ou ocultamento de doutrina, fôsse qual fôsse. Tal é a posição que Irineu toma, mas que mesmo para êle se comprova absolutamente insustentável e posteriores Padres da Igreja admitem que havia na verdade uma *disciplina arcana* ou ensinamento secreto oral dos apóstolos, legado a certos líderes da Igreja.[67] Entretanto, o fácil e conveniente abuso da tradição de reticência por indivíduos inescrupulosos, tornou possível aos clérigos até o presente, rotular como ilusória e espúria a própria idéia de que, em alguma ocasião, tenha havido qualquer ensinamento secreto.[68]

Os doutôres têm recebido muito bem esta escapatória e tiraram o maior proveito dela, pois, a idéia de que qualquer ensinamento cristão lhes possa ter escapado, tanto os alarma quanto os embaraça. Alarma-os porque a menos que a informação acessível aos teólogos seja completa e decisiva, são forçados a viver com um elemento de incerteza que é intolerável para a sua vaidade e fatal para o caráter concludente e a clareza que os sistemas teológicos prezam acima de tudo. E embaraça-os, porque, tal como o erudito Celso no século II, não podem entender "porque, se Jesus foi enviado para proclamar uma mensagem, insistira em ocultá-la." A Celso, respondeu Orígenes, que Jesus não ocultou a sua mensagem daqueles que sinceramente a buscaram,[69] mas Celso, não satisfeito, pergunta porque Jesus mostrou-se a tão poucas pessoas após a ressurreição, quando tinha tão magnífica oportunidade de converter o mundo e de provar a ressurreição aparecendo àqueles que o tinham levado à morte. Esta abstenção do Senhor tem sempre embaraçado os doutôres da Igreja.[70]

O grande erudito católico J. P. Migne ficou grandemente embaraçado pelo fato de o Senhor insistir em manter sua verdadeira missão e sua verdadeira identidade em segrêdo para o mundo que fôra enviado a redimir.[71] Êste é o "Segrêdo Messiânico" que sempre deixou perplexos os eruditos do judaismo e do cristianismo. Nos nossos próprios dias, Albert Schweitzer nota que conquanto não possa ser negado que Jesus insistiu em fazer importantes aspectos do seu ministério um segrêdo, fica-se incapaz de explicar porque o fêz.[72]

Atualmente os eruditos católicos romanos estão emprestando considerável ênfase à frase "sôbre os telhados," que significa, segundo êles, que não havia qualquer coisa mantida em segrêdo ou oculta do público nos ensinamentos de Jesus.[73] Face às inumeráveis indicações em contrário, é difícil de ver como tal interpretação pode ser aplicada a uma passagem tão misteriosa quanto a seguinte: O Senhor acabara de dizer aos apóstolos que seus ensinamentos não teriam melhor aceitação que os dêle próprio. (Mt. 10:25) Então acrescenta que não deveriam temer, "pois nada há encoberto, que não haja de revelar-se; nem oculto, que não haja de saber-se." (Ibid. 10:26) Não estará falando aqui sôbre as maquinações do inimigo?

Jesus prossegue: "O que vos digo em trevas, dizei-o em plena luz; e o que escutais ao ouvido, pregai-o sôbre os telhados." (Ibid. 10:27). A expressão peculiar "ao ouvido" é explicada por um *dito* recém-descoberto de Jesus: "O que ouvis com o *outro* ouvido, pregai-o sôbre os telhados."[74] Isto é análogo a uma outra *logia*: "Êstes ensinamentos são sòmente para os provados e dignos: pregai *outras* palavras às igrejas."[75] Não há assim contradição entre um mandamento de proclamar dos telhados e a injunção de ocultar as coisas sagradas dos ouvidos indignos: algumas coisas deviam ser divulgadas amplamente, outras não.

"Estas coisas pregai abertamente," diz IV Esdras, "mas estas coisas guardai em segrêdo", explicando que há vinte e quatro livros sagrados para o ensinamento público, mas há setenta outros que são reservados apenas "para os sábios entre o teu povo."[76] "Paulo não divulgou tôdas as suas revelações," diz Crisóstomo, "mas ocultou a maior parte delas; e embora não tenha dito tudo, tampouco silenciou acêrca de tudo, para que não deixasse brecha para os ensinamentos de falsos apóstolos."[77] J.

★

Há sessenta e quatro quilometros de Qumran estão as ruínas desta comunidade religiosa, provàvelmente relacionada àquelas do Mar Morto. Sòmente os antigos edifícios muçulmanos e bizantinos, erigidos por posteriores peregrinos ao santuário foram até agora escavados. O que jaz em baixo é uma fascinante questão.

★

Jeremias mostrou recentemente como tal orientação explica a evidente contradição em ordenar aos apóstolos que pregassem o evangelho em todo o mundo ao mesmo tempo, mandando-os não saírem fora de Israel: A pregação geral, explica Jeremias, era para uma dispensação posterior, e a pregação limitada era para aquêle tempo presente.[78] A ordem de Jesus, "O que vos digo em trevas, dizei-o em luz," claramente refere-se a tal ensinamento duplo. Admitindo que algumas coisas *devem* ser pregadas dos telhados, não há em qualquer lugar nem mesmo a mais vaga indicação de que *tôdas* as coisas devam ser assim difundidas, como os eruditos católicos agora sustentam. Tal conceito seria contrário ao princípio básico de que para aquêles que têm, mais lhes será dado (Mt. 13:12), e aos progressivos passos de esclarecimento que são básicos no ensinamento cristão.[79]

"Cremos," escreveu Tertuliano, "que os apóstolos nada ignoravam, mas *não* transmitiram tudo quanto sabiam, e *não* estavam dispostos a revelar tudo a todo mundo. Não pregaram em qualquer lugar nem promìscuamente... mas ensinaram uma coisa acêrca de Cristo em público e outra em segrêdo: algumas coisas sôbre a ressurreição ensinaram a todos, mas algumas coisas êles ensinaram sòmente a uns poucos."[80]

Há um tipo de sigilo que os clérigos justificam e praticam. É aquêle ar de mistério e alheamento que Santo Agostinho descreveu como tão importante parte da educação superior dos seus dias.[81] Paulo de Samosata e Simão, o Mago, são exemplos clássicos de eruditos que buscam elevar o seu prestígio, intimidar o público geral, seduzir e intrigar a juventude, silenciar a crítica, confundir o insolente, atrair uma audiência e fazer adeptos mediante o cultivo de uma atmosfera de recôndita, até mesmo sobrenatural, erudição e uma atitude de excelsa superioridade sôbre as massas ignorantes. Êste continua sendo o segrêdo de sucesso na maioria das escolas superiores do país. Mas não era êste tipo de sigilo praticado pelos cristãos, algo que os homens instruídos da sua época simplesmente não podiam entender.

Romanos instruídos como Cecílio, Celso, Plínio e Tácito estavam convencidos de que os cristãos mantinham suas doutrinas e ordenanças em segrêdo porque se envergonhavam delas; notam que êsse sigilo sòmente causa equívocos, levanta as piores suspeitas e as mais desarrazoadas especulações — por que insistem os cristãos em arruinar sua causa aferrando-se a isto ?[82] É significativo que os cristãos jamais negassem êsse sigilo, mas defendessem a si mesmos replicando que outras religiões, e mesmo as escolas filosóficas, tôdas têm os seus segrêdos e, como é sabido, estariam mais dispostos a padecer a morte que traí-los.[83]/*Continua.*

NOTAS

66. Discutido em *The Improvement Era,* vol. 68, págs, 37 e seguintes.

67. Irineu, *adversus Haereses,* III, iv. em *Patrologia Graeca* 7-855 cf. 885-9 com respeito aos seus medíocres argumentos. As regras para o tratamento de ensinamentos arcanos foram estabelecidas por Inocêncio III em *Patrologia Latina,* 214:696.

68. Não foi senão até 400 AD que os doutôres da Igreja, para desacreditar todos os ensinamentos secretos, deram à palavra "apócrifa" o mau sentido, segundo W. Schneemelcher, *Neue Testament Apocryphen,* I, 5.

69. Orígenes, *Contra Celsum,* II, 70, in *Patrologia Graeca,* 11:905.

70. João Crisóstomo, *Homília sôbre os Atos,* I, 4, in *Patrologia Graeca,* 60:19, dá uma surpreendente explicação para isso, a qual foi oficialmente adotada por outros clérigos, e.g., Ecúmeno, *Comentários sôbre os Atos,* I, 3 in *Patrologia Graeca,* 118:45.

71. J. P. Migne, *Scripturae Sacrae Cursus Completus,* (Paris, 1840) 21:823-4.

72. Albert Schweitzer, *Geschichte der Lebenjesu Forschung,* I, 396. C.A. Bugge, in *Zeitschrift für Neue Testamente Wissenschaft* 7 (1906), pág. 97, diz que nem mesmo podemos estar certos se houve ou não um segrêdo messiânico.

73. Assim J. de Menasce, in *The Mysteries* (Bollingen Series, XXX, 2, Nova York, 1955), págs. 139 e seguintes e H. Rahner, *ibid.* págs. 357 e seguintes.

74. *Evangelho de Tomé,* 87:10-12.

75. *Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo,* (Ed. Rahmani), pág. XVIII.

76. IV Esdras 14:6, 44-46.

77. João Crisóstomo, *De Laudibus Sancti Pauli, Homília* V, in *Patrologia Graeca.*

78. J. Jeremias, *Jesu Verheissung für die Völker* (Stuttgart, 1956), 15s, 61s.

79. João 1:5, 10:12 ilustra o princípio da reciprocidade — Deus dá sòmente à medida que o homem recebe.

80. Tertuliano, *De Praescriptionibus,* c. 25s.

81. Sto. Agostinho, *Confissões,* — I, 3.

82. A mais completa discussão se acha em Minucius Felix, *Octavius,* págs. 8-11, cf. Publius Cornelius Tacitus, *História,* XV, 44; Plínio, *Epístola a Trajano,* X, 34; Orígenes, *Contra Celsum,* I, 1 e seguintes.

83. Orígenes, *op. cit.* I, 7, 12, 14, in *Patrologia Graeca* 11:667, 677, 685s. Taciano, *Adversus Graecos,* c, 27.

O ENSINO DO EVANGELHO

(*Continuação da pág. 18*)

É dever da Sociedade de Socorro "cuidar dos interêsses de tôdas as mulheres de Sião, e de tôdas as mulheres que a visitarem sob sua supervisão e cuidado, sem preconceitos religiosos, de côr ou condição financeira... Hoje em dia, as mulheres jovens, cheias de energia e inteligência, pensam que sòmente as mulheres idosas devem estar ligadas à Sociedade de Socorro. Isto é um êrro. Queremos que as mulheres jovens, inteligentes, fervorosas, corajosas e puras se associem à Sociedade de Socorro nas várias estacas e alas de Sião.

Desejamos que se apeguem a êste trabalho com vigor e inteligência, para unidas elevarem Sião e instruírem as mulheres nos seus deveres — domésticos, públicos ou qualquer outro em que se acharem envolvidas."

Não há outro ensino de maior importância que êste. Não podemos calcular o seu valor quando fôr feito apropriadamente; nem podemos saber a extensão do mal resultante, se fôr impròpriamente usado. A maior exigência que pode ser feita a uma professôra, é que ela tenha fé nos princípios do evangelho: que ela creia nos princípios da verdade revelada à medida que vem ao homem, através de profetas inspirados nos dias antigos e em nossos dias; e que ela exercite êsse privilégio com espírito de fé e oração.

Estou de pleno acôrdo com êste mandamento, conforme escrito nesta revelação: "A menos que um homem (ou mulher) tenha conhecimento da verdade, que tenha fé na palavra do Senhor e no seu poder e seja guiado pelo espírito do Senhor, não poderá ensinar." O Senhor nos ordena "a dar atenção diligente às palavras da vida eterna." Pois, "viveremos de tôda palavra que proceder da bôca de Deus. Pois sua palavra é a verdade, e o que é verdade é luz, e tudo que é luz é espírito, mesmo o Espírito de Jesus Cristo".

Que possamos lutar para guardar os mandamentos e que o Senhor nos abençôe em nosso trabalho e que abençôe a cada uma com o desejo de seguir no caminho da retidão. Eu oro, humildemente em nome de Jesus Cristo, nosso Redentor. Amém.

A Tarefa de Criar Rapazes

A tarefa de criar rapazes é um negócio de grandes responsabilidades para um pai. Os seus rapazes são a sua maior tarefa.

Êle compreende as necessidades que têm de um bom treinamento no lar, de manter nêles uma boa saúde física e mental para que cresçam tendo fé no Senhor Jesus Cristo, para pedir ao Pai orientação e proteção. Tudo isso é da responsabilidade do pai.

Porém, pais, há ainda uma outra responsabilidade. O rapaz precisa aprender a ser social. Precisa se associar, primeiro com rapazes e, quando fôr mais velho, com homens. Precisa aprender a defender a sua honra e a sua integridade em face das influências que corroem essas virtudes. Êle precisa aprender a ser amável e generoso com os fracos, os menos inteligentes, os desamparados e os inocentes.

Êle precisa aprender a ser firme em face do mal e a sustentar com firmeza o direito e a verdade. O pai é o seu melhor apôio para que êle aprenda a ter uma conduta correta.

O Sacerdócio Aarônico é dado aos rapazes na idade de doze anos, e desde então, até que atinjam os vinte anos, recebem a maior influência que a Igreja pode oferecer para ajudá-los a atingir a maturidade. A atividade nos programas da Igreja os ajudará a serem homens religiosos num mundo social. Mais tarde, na atividade de escoteiros, terão a oportunidade de exercer o sacerdócio. Os dois juntos — O sacerdócio e o escotismo — formam uma escola efetiva para o treinamento ético. O papel do pai é dar apôio aos líderes do quórum do sacerdócio e da AMM. O rapaz não precisa viver na sombra do pai. Êle precisará andar na companhia de outros rapazes, na presença dêsses rapazes, e sentir que é êle mesmo que está agindo. Há ocasiões em que o pai deve agir. Precisa estar presente para ir com o filho às reuniões do domingo, precisa ser acessível e mostrar interêsse pelas atividades do filho tôdas as semanas, quando o rapaz volta da AMM. Êle precisa estar presente para guiar e encorajar a maneira correta de passar o domingo, depois da Escola Dominical.

Devido à natureza dos rapazes, êles precisam comemorar os acontecimentos importantes. Uma dessas ocasiões é a restauração do Sacerdócio Aarônico, que é comemorada em maio. Quando o bispo chama os membros do Sacerdócio Aarônico nesse dia, o pai de um dos rapazes deverá estar presente.

Comemoramos o dia dos pais em junho. É uma boa oportunidade para o pai comemorar o dia que pode muito bem ser o dia do pai e do filho.

PERGUNTA: Apreciaria muito que me fôsse explicada a seguinte passagem de Doutrina e Convênios:

"E êste sacerdócio maior administra o evangelho e possui a chave dos mistérios do reino, mesmo a chave do conhecimento de Deus.

"Portanto, nas suas ordenanças, se manifesta o poder de divindade.

"E sem as suas ordenanças, e a autoridade do sacerdócio, o poder de divindade não se manifesta aos homens na carne;

'Pois sem isto nenhum homem pode ver o rosto de Deus, o Pai, e viver.

"Agora, Moisés claramente ensinou isto aos filhos de Israel no deserto, e procurou diligentemente santificar o seu povo para que pudesse ver o rosto de Deus;

"Mas êles endureceram os seus corações e não puderam suportar a Sua presença; portanto, o Senhor na Sua Cólera, pois a Sua ira estava acesa contra êles, jurou que enquanto no deserto êles não entrariam para o Seu descanso, o qual é a plenitude da Sua glória." (D&C 84:19-24).

RESPOSTA: Se você olhar a data desta revelação, descobrirá que foi dada em setembro de 1832, ou seja, dois anos após a organização da Igreja e vários anos após o aparecimento do Pai e do Filho ao Profeta Joseph Smith. Por conseguinte, permita-me salientar êsse fato: Não há lei ou mandamento que declare que o Pai não pudesse aparecer em pessoa a um homem não estando o Santo Sacerdócio entre os homens na terra. Atualmente, quando esta autoridade divina está aqui e os homens são designados para oficiar em suas ordenanças, não há razão para que o Pai venha a qualquer homem que não tenha autoridade divina. Na ocasião em que o sacerdócio está sendo conferido e que há servos autorizados portadores da autoridade divina, difìcilmente poderia surgir o momento em que o Pai e o Filho tivessem ocasião de aparecer a qualquer homem sem esta autoridade divina.

Há uma coisa, entretanto, que é da maior importância: A lei divina sempre foi que deve haver pelo menos duas testemunhas para cada manifestação de importância vital. Conforme podemos ver no livro de Deuteronômio, versículo 19:

"Uma só testemunha contra ninguêm se levantará por qualquer iniqüidade, ou por qualquer pecado, seja qual fôr o pecado que pecasse: pela bôca de duas testemunhas, ou pela bôca de três testemunhas, se estabelecerá o negócio." (Dt. 19:15)

O Salvador também disse:

"Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e êle só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão;

"Mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela bôca de duas ou três testemunhas tôda a palavra seja confirmada.

"E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como gentio e publicano.

"Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu." (Mt. 18:15-18.)

Quão maravilhoso seria se êste conselho do Salvador fôsse universalmente seguido e, quando as dissensões se levantassem entre os irmãos, arranjassem tempo para sentar-se calmamente e considerar suas desavenças num espírito de caridade, humildade e oração! Já ocorreu muitas vêzes que um assunto trivial poderia ter sido fàcilmente resolvido entre os irmãos mediante calma e humilde discussão das controvérsias em espírito de oração. Muitos corações sofrem e muitas amizades foram permanentemente desfeitas porque o poder de Satanás penetrou nos corações dos homens e dos irmãos.

Sem Ordenanças Nenhum Homem Poderá Ver a Face de Deus

Pres. Joseph F. Smith

Michelangelo, Capela Sistina

O ENSINO DO EVANGELHO

Pres. Joseph F. Smith,
da Primeira Presidência

(Discurso feito na reunião de oficiais da Conferência Geral da Sociedade de Socorro, a 29 de setembro de 1965.)

Queridas irmãs, espero e ao mesmo tempo oro para que possa dizer alguma coisa que aumente os seus testemunhos e peço ao Senhor que me inspire para oferecer aquilo que vocês desejam. A Igreja tem duas grandes responsabilidades, isto é, os membros têm estas responsabilidades. É nosso dever pregar o evangelho aos nossos semelhantes por exemplo e preceito. Na seção 88 de Doutrina e Convênios somos informados de que mesmo os que são advertidos têm obrigação de advertir o seu próximo com a mensagem do evangelho.

O povo que agora vive tem de ouvir a mensagem e conseqüentemente é necessário dar mais atenção à responsabilidade de ensinar o mundo. Não podemos fugir a esta obrigação. O Senhor declarou que a sua vinda está às portas. É nosso dever, então, fazer tudo o que pudermos e o Senhor nos dará outros meios, além dos nossos missionários, para que o seu trabalho progrida e suas palavras sejam cumpridas.

Falo dessa responsabilidade neste momento de mêdo, pois talvez haja alguns que pensem que o trabalho que estão fazendo é o mais importante desta dispensação. As irmãs da Sociedade de Socorro, e os membros das outras auxiliares sentem que têm grande responsabilidade, e têm mesmo, mas o seu trabalho não toma o lugar do grande dever de pregar o evangelho ao mundo.

Há muita coisa que devemos ao Senhor. Há o dever de pregar êste evangelho a uma geração perversa e iníqüa e estas palavras são do Senhor, portanto, não me acusem por chamar o mundo de iníqüo, mas na verdade o é. Posso testificar isso segundo o que tenho visto e que a maior parte das pessoas está em iniqüidade, eu disso vos asseguro.

O mundo hoje está corrompido, bêbado, saturado e cheirando a fumo. O mundo está cheio de imoralidade. É um mundo decadente; tem estado decadente desde que Adão foi expulso do jardim do Éden e ainda assim estamos vivendo nêle e o Senhor nos deu uma missão para ajudá-lo e sermos seus agentes neste mundo, para regenerá-lo o tanto quanto possível.

Êsse trabalho nunca será completo. Não vamos pela nossa pregação salvar muitas almas.

O Senhor nos deu o livre arbítrio. Podemos agir por nós mesmos, podemos escolher entre fazer o bem ou o mal. Êle disse que os homens amam mais a escuridão do que a luz, isto porque as suas ações são más. Mesmo assim a nossa missão, dentro de nossa possibilidade, é regenerar e trazer ao arrependimento muitos dos filhos de nosso Pai Celestial. Êste é um dos débitos que temos para com Êle; esta é uma responsabilidade que o Senhor colocou na Igreja. É dever de todo membro da Igreja pregar o evangelho por preceito e exemplo.

Os propósitos e deveres da Sociedade de Socorro são vários. Vou repetir segundo os escritos de meu pai, Joseph F. Smith:

"Esta é uma organização feita pelo profeta Joseph Smith. É, conseqüentemente, a organização auxiliar mais antiga da Igreja e ela é de suma importância. Não cuida apenas das necessidades dos pobres e dos doentes, mas uma parte do seu dever — a mais importante — é cuidar do bem-estar espiritual e da salvação das mães e filhas de Sião; para observar que nenhuma seja negligenciada, mas que tôdas sejam guardadas dos infortúnios, da calamidade, dos poderes da escuridão, e dos males que as ameaçam neste mundo. É dever das Sociedades de Socorro cuidarem do bem-estar espiritual de tôdas as mulheres da Igreja. É seu dever buscar bens daqueles que têm em abundância e distribuir sàbiamente entre os que necessitam. É parte do seu dever cuidar para que haja pessoas habilitadas a serem enfermeiras, bem como professôras em Sião, e que elas tenham uma oportunidade de se tornar bem preparadas para êsse grande trabalho e responsabilidade. Soube da disposição de algumas irmãs de fazerem disto uma lei para si mesmas. Gostaria de dizer que é isso o que se espera da Sociedade de Socorro, especialmente das líderes dessa grandiosa organização e que tenham o máximo de cuidado com tôdas as suas organizações dentre as mulheres de Sião. As irmãs são a cabeça de tudo isto; devem magnificar o seu chamado e cuidar para que os erros não as desanimem; que os problemas banais não se avultem, que impeçam a existência de combinações secretas para disvirtuarem as irmãs. Elas devem cuidar para que as outras organizações de mulheres da Igreja correspondam e estejam em harmonia com a sua organização.

"Por que deve ser assim? A fim de que as mulheres de Sião permaneçam unidas e os seus interêsses se tornem comuns, sem conflito ou segregação, e a fim de que o propósito desta organização seja compreendido e que a organização seja eficiente para o bem da Igreja no mundo todo onde o evangelho é pregado, . . . Eu recomendo a Sociedade de Socorro aos bispos e peço para que sejam amáveis a estas organizações, porque elas são auxiliares e são de grandiosa ajuda a êles. . ." (*continua na pág. 14*)

MEU CANTINHO

Laura Gosta de Gatos

Clara Cassidy

Laura podia ver Carolina vindo da biblioteca com dois livros sob o braço.

"Você trouxe o *Milhões de Gatos*"? Perguntou Laura à porta.

Carolina estava aborrecida. "Oh, você sempre quer *Milhões de Gatos*. Dia após dia tenho lhe trazido *Milhões de Gatos*... Desta vez apanhei dois livros sôbre cavalos!"

Mas quando ela viu o aspecto da cara de Laura, sorriu e disse, "Mas os lerei alto para você também."

Laura não retribuiu o sorriso. Queria *Milhões de Gatos* e não outro livro qualquer.

"Gostaria de receber *Milhões de Gatos* no seu aniversário?" perguntou mamãe.

"Quando eu completar cinco anos, no próximo mês?" perguntou Laura. "Oh, sim! Mamãe, por favor! *Milhões de Gatos* no meu aniversário!"

"Muito bem," disse Mamãe. "Vamos providenciar."

Laura ficou tão feliz que contou a todo mundo que presente iria receber no seu aniversário.

"Tio João, mamãe disse que vou ganhar *Milhões de Gatos* no meu aniversário, no próximo mês!"

"Ótimo, ótimo, ótimo," disse tio João. "Milhões de gatinhos! Não seria melhor se ganhasse uma bonequinha?"

"Não," disse Laura, e saiu.

"Não vá embora," chamou o tio João. "Estava só arreliando. Verei o que posso fazer para ajudar."

"Que é que você quer para o seu aniversário, Laura?" perguntou tia Bárbara.

"*Milhões de Gatos*," disse Laura prontamente. "Mamãe disse que posso! *Milhões de Gatos!* Isto é o que eu quero!"

"Você não acha que é muito gato?" disse tia Bárbara com as sombrancelhas levantadas.

"Mas ela deixou, titia! Deixou mesmo, ela disse. No duro!"

"Oh, acredito," disse tia Bárbara, mas por longo tempo ficou murmurando baixinho para si mesma: "Um milhão de gatos! Puxa vida!"

Ninguém parecia crer em Laura.

O carteiro disse, "Se todos os milhões de gatos receberem cartões no seu aniversário, vou ter uma bruta mala de correspondência." Isto fêz Laura rir.

O leiteiro disse, "Que notícias maravilhosas! Não esqueça de encomendar mais leite. Vão precisar litros e litros!" E isto fêz Laura casquinar.

Mesmo a avó de Laura não parecia acreditar. "Milhões de gatos, Laura? Bem, um já é bastante para mim," e acariciou o gato no colo. "Não, Laura! Não pegue Miranda. Ela tem estado muito aborrecida ùltimamente."

A princípio Laura dizia para si mesma que em mais um mês seu aniversário viria, e então ela teria *Milhões de Gatos*. O tempo passou muito vagarosamente, mas por fim ela já podia dizer, "Só mais uma semana e terei *Milhões de Gatos*." Então faltavam apenas dois dias; daí, só mais um dia. Finalmente chegou o dia em que Laura fazia cinco anos, o dia em que teria *Milhões de Gatos*, só para si.

À tarde, Laura deu uma festa. Garotinhos e garotinhas da vizinhança compareceram, e cada um trouxe-lhe um presente. Logo a mesa estava cheia de pacotes. Havia longos pacotes fininhos. Havia pacotes curtos e gordinhos. Havia pacotes encaroçados e macios. Mas não havia um único pacote com o tamanho e a forma de *Milhões de Gatos*.

Quando chegaram todos os convidados, houve uma porção de brincadeiras, jogos barulhentos e jogos silenciosos. Mas em vez de brincar de botar cauda no burro, brincaram de botar cauda no gato.

Então chegou o momento de Laura abrir os seus presentes.

O primeiro pacote que abriu tinha um gato dentro — um gato que na verdade era uma almofada de alfinetes.

O segundo presente era um gato que era um relógio: Quando ela o pendurou na parede, êle moveu os olhos, balançou a cauda, e bateu os minutos.

O terceiro presente — bem, aconteceu que todos os pacotes continham gatos! Havia gato que na verdade era vaso de flôres; gato que era alça de leiteira, gato que era broche para usar no casaco!

Havia até uma caixa de quindins em forma de gatos.

Havia um felpudo gato de brinquedo vindo da Alemanha e um gato de veludo laranja com olhos de botões prêtos feito em casa.

Havia um par de chinelos que pareciam gatos gêmeos.

Havia um encosto de porta em forma de gato, muito pesado.

Havia um banquinho de forma de gato, muito leve.

Havia um gato de vidro azul, feito na Feira Mundial, para a estante de Laura.

E havia um gato muito achatado com um zíper nas costas, para a cama de Laura e para guardar seu pijama durante o dia. O pijama o faria gordo.

Então chegou o tio João com a vovó. O pacote de tio João continha uma travessa redonda que dizia GATINHO na borda.

Vovó, com suas mãos para traz, disse: "Que mão você quer?" E Laura disse: "A que tiver um presente!"

Havia na mão de vovó um gatinho, pequenino, cinzento, peludinho. Muito parecido com a gata da vovó, Miranda.

Então chegou a hora do sorvete e do bôlo de aniversário. Laura desejou *Milhões de Gatos*. Apagou tôdas as cinco velinhas com um tremendo sôpro, para realizar seu desejo.

O papai de Laura chegou, bem na horinha de receber um pedaço de bôlo. Laura não estava nem um pouquinho surprêsa de ver um pacote saindo para fora do bôlso dêle. Era justamente do tamanho e da forma de *Milhões de Gatos* — e era isso mesmoo que era!

Naquela noite, quando Laura foi para a cama, disse, "Que aniversário mais feliz! *Milhões de Gatos* e além disso, mais outros dezessete! E um dêles até é verdadeiro!"

COMO ESTÁ DIFERENTE A APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA NOITE FAMILIAR!

Agora poderá ser usado como um folheto e guardado como recordação,
principalmente porque nos meses seguintes
a ilustração da capa ficará a cargo dos membros da família.

É fácil usá-lo: basta que você o destaque da revista, corte-o em quatro partes, seguindo a linha pontilhada e com essas partes forme quatro folhetinhos, que serão usados um em cada semana:
Deixe a ilustração como capa.

Naquela época os soldados romanos dominavam a Palestina e eram odiados pelo povo. Com freqüência um soldado ordenava a um cidadão que carregasse seu pesado equipamento por longo tempo e a pessoa tinha de obedecer. Vocês já imaginaram o que pensou o povo quando Jesus disse as palavras acima? Jesus não quis dizer que o povo carregasse o equipamento dos romanos por duas milhas, mas foi o modo de se expressar para que usassem seu livre arbítrio fazendo mais do que o ordenado — mais do que os outros teriam direito de pedir. Para complementar êste tópico leiam Mt 5:39-42 e também João 10:17-18.

FAMÍLIA:

DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

1.ª semana

Hino: "A alma é livre," 72.
Oração:
Poesia: Pelo pai.
Lição: O PAI NOS DEU O LIVRE ARBÍTRIO PARA AGIRMOS SÀBIAMENTE
Objetivo: Inspirar a família a usar o livre arbítrio.
Memorização: Mat. 5:41.
Atividade: Dar uma volta pelo quarteirão.
Hino: "Doce é o trabalho", 125.
Oração:
Lanche: Pizza com guaraná.

1.D

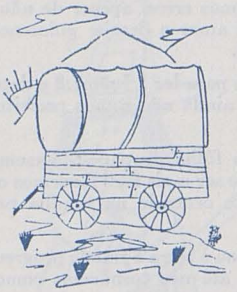
1.A

Atividade:

Noiva

Todos sentam-se em roda e cada qual escolhe para si um objeto diferente do enxoval de uma noiva, *anunciando-o depois, em voz alta.*

Para iniciar, o dirigente conta, *"Vi uma noiva que não tinha... grinalda!"* por exemplo. Quem escolheu tal coisa levanta-se e replica, *"Grinalda tinha, o que não tinha era... buquê!"* ao que um segundo jogador, (o representante do buquê) protesta, esclarecendo ser outra a falha (aliança, luvas, etc.) e assim por diante. Quem não reclama imediatamente, citando logo outro objeto, ou que nomeia objeto não escolhido pelos companheiros paga uma prenda (ou é excluído do jôgo, conforme o combinado). Decorrido certo tempo, é iniciado o pagamento das prendas, cabendo a vitória a quem não as tenha de pagar. (A brincadeira deve ser feita em ritmo ligeiro, para despertar mais interêsse.) *Variantes*: O fruteiro: cada qual escolhe uma fruta, cabendo ao dirigente iniciar o jôgo assim: "Fui ao fruteiro, mas êle não vendia..." Além disso poderão variar dos seguintes modos: florista, trem, o jardineiro, etc.



FAMÍLIA:

DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

2.ª semana

Hino: "Que firme alicerce", 149.
Oração:
Jogral: Por tôda a família.
Lição: ATRAVÉS DOS ERROS APRENDEMOS A FAZER ESCOLHAS ACERTADAS
Objetivo: Inspirar os familiares a tirar lição dos seus erros
Memorização: I João 1:8.
Atividade: Noiva.
Hino: "Para sempre exaltai", 77.
Oração:
Lanche: Gelatina de laranja.

2.D

2.A

1. O significado de livre arbítrio

O pai deverá dizer: tenho um plano; vou mostrar-lhes como tomar decisões importantes. De agora em diante escolherei as roupas de mamãe; quando Roberto sair com a namorada, irei junto para ver onde vão; irei com Paulo à escola para dizer-lhe tudo o que deve fazer.

Pergunte: Como a família iria sentir-se com um projeto dêsses? Não haveria felicidade no lar e não teriam oportunidade de aprender por si próprios. As pessoas seriam como fantoches, que não conseguem fazer coisa alguma sòzinhas. Assim agindo, o pai tiraria o livre arbítrio de tôda a família.

2. O Pai Celestial preservou o nosso livre arbítrio

Apesar de a família estar acostumada com o livre arbítrio, é necessário que saiba como usar êsse privilégio. A fim de conseguir isso, peça a um filho para dirigir o seguinte questionário; quase tôdas as respostas acham-se em PGV, Moisés 4:

— onde viviam os nossos espíritos antes de virmos à terra?

— quais os assuntos relativos à vida terrestre que foram discutidos lá, na reunião de conselho?

— quem disse, "Redimirei a humanidade tôda, de modo que nem uma só alma se perca?"

— quem disse, "Portanto, dá-me a tua honra?"

— quem disse, "Faça-se a tua vontade?"

— com que palavras o Pai rejeitou o plano de Satanás?

Após o questionário, saliente que o plano de Satanás era errado por duas razões: 1.ª) desejou tirar o livre arbítrio do homem; 2.ª desejou para si tôda a glória do mundo. A proposta dêle foi como a do pai que mencionamos há pouco. Você, como pai, não pode desejar fazer tudo por seus filhos. Deve ajudá-los a tomar decisões enquanto são jovens, mas quando crescerem deverão agir por si próprios. Isto é o que o Pai Celestial tem feito por seus filhos.

1.B

3. O livre arbítrio traz bênçãos, mas também traz problemas

O Pai compreendeu que haveria problemas quando nos deu o livre arbítrio. Sabia que quando tivéssemos de escolher, talvez o fizéssemos da maneira errada. Alguns escolhem guerras, outros assassinatos, roubo, mentiras, etc.

Assim sendo, por que o Pai nos deu o livre arbítrio, mesmo sabendo do resultado? Não seria melhor evitar todo êsse sofrimento? (Deixe a família expressar o seu ponto de vista; depois esclareça com palavras simples:) — se o Pai dirigisse nossas vidas, se fôssemos marionetes, não teríamos qualquer oportunidade e, no fim da vida, teríamos tanta maturidade espiritual quanto no comêço.

— dando-nos o livre arbítrio, o Pai mostrou seu amor por nós. Apesar de ficar bastante aflito quando abusamos dêsse privilégio, o Pai não deseja nos privar dêle.

4. Os mandamentos restringem o livre arbítrio?

Somos realmente livres, apesar de têrmos as leis da terra, normas do lar, da escola e os mandamentos do Senhor? (Deixe a família expressar sua opinião; depois continue:)

— se todos agissem do modo que lhes agrada, ninguém teria liberdade.

— o nosso arbítrio possibilita-nos obedecer ou não; entretanto, devemos estar preparados para arcar com as responsabilidades, se resolvermos não obedecer.

— quanto mais desobedecemos os mandamentos, menos livre arbítrio temos, pois mais nos aproximamos de Satanás.

5. *Jesus nos ensinou a agir segundo nossa vontade*

Jesus disse certa vez, "E se qualquer te obrigar a caminhar com êle uma milha, vai com êle duas (Mt. 5:41).

1.C

Inicie a lição dizendo que o Pai Celestial não se volta contra nós quando cometemos erros, apesar de não apreciar nossa atitude. Êle continua a nos amar e deseja guiar-nos para que cresçamos e nos desenvolvamos.

Peça a alguém para ler I João 1:8 e depois explique o que significa. Esclareça que ainda não somos perfeitos e por isso erramos algumas vêzes.

Escreva numa fôlha de papel: Fazemos escolhas erradas, algumas vêzes. Parece ser mais fácil fazermos o errado em vez do certo. Use algum incidente ocorrido na família para melhor ilustrar êsse ponto.

O Pai nos enviou à terra a fim de progredirmos e nos aperfeiçoarmos gradualmente, até nos tornarmos como Êle.

1. Aprendendo através dos erros

Quando erramos, podemos ser conduzidos a repetir o êrro ou a não fazê-lo mais. Isso depende da atitude da pessoa. Na maioria das vêzes, um êrro torna-se o degrau que subimos na escada da experiência e passamos a fazer coisas certas.

A seguinte história demonstra como o Pai continua a amar as pessoas que cometem erros e deseja vê-las arrependidas e de volta para êle:

Há muitos anos atrás, viviam na cidade de Nínive cêrca de 120 mil pessoas. Como não tinham aprendido lição nenhuma dos erros praticados, êstes as conduziram a pecados maiores. Apesar disso o Senhor as amava e desejava ajudá-las. Assim, enviou o profeta Jonas para exortá-las a viver os mandamentos. Jonas lhes transmitiu o que foi ordenado pelo Pai, dizendo que se não ouvissem a admoestação, seriam destruídos dentro de quatro dias. As pessoas acreditaram em Jonas. O rei promulgou um decreto, obrigando todos a jejuar, abandonar os maus caminhos e "clamar fortemente a Deus." Todos obedeceram e isso agradou a Deus; como seus filhos começassem a viver em retidão, a cidade não foi destruída.

2.B

Relembre a família sôbre as histórias que Jesus contava para mostrar que o Pai continua a nos amar, apesar de cometermos erros. Peça para abrirem a Bíblia em Lucas 15; antes de lerem, explique o seguinte: os publicanos e os pecadores aproximaram-se de Jesus para ouvir seu discurso. Os publicanos não eram apreciados pelo povo porque coletavam impostos e suspeitava-se de sua honestidade. Os fariseus e escribas, que se julgavam justos e superiores diziam de Jesus, "Êste recebe pecadores e come com êles." Então Jesus contou-lhes uma história (Leia Lucas 15:4-7) Isso nos ensina a respeito do amor do Pai. Escreva numa fôlha, "O Pai nos ama, mesmo quando agimos errado".

2. Somos perdoados do êrro cometido sòmente quando paramos de fazê-lo

Certifique-se de que os familiares compreenderam que o júbilo dos céus pela ovelha perdida não sugere que é melhor pecar do que não fazê-lo. Isto sòmente significa que o amor do Pai alcança o pecador e o traz de volta, se êste paga o preço.

Outra razão para o júbilo é que não pode ser aceito no reino de Deus enquanto continuar praticando o mal. Escreva no gráfico, O perdão vem sòmente quando paramos de cometer erros.

Certa vez o Pres. Marion D. Hanks disse a um grande grupo de Cavalheiros e Ceifeiras: "Vocês podem limitar o poder de Deus para abençoá-los, não podem, entretanto, limitar seu amor. Êle está ansiando pelo seu progresso e sucesso. Tôdas as suas fôrças estão empenhadas em ajudá-los a voltar a Êle." (Church News, 24-4-65, pág. 6)

3. Tentamos aprender através dos erros

Peça aos familiares que, um por vez, leiam e expliquem as sentenças marcadas no papel. Depois disso feito, pergunte:
Como poderemos aprender através dos nossos erros?
Eis algumas sugestões:
—continuaremos tentando caminhar a segunda milha.
— sabendo que nossos pais nos amam e desejam nos ajudar, iremos até êles e falaremos a respeito dos nossos erros.

2.C

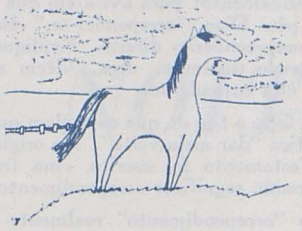
Atividade:

"Correio"

Riscam-se no chão pequenos círculos, todos em tôrno de um ponto central e a igual distância dêle. Cada rodinha é ocupada por um participante, ficando no centro do grupo um jogador sem lugar marcado. Cada pessoa, inclusive a do meio, anuncia o nome da cidade que vai representar.

Para iniciar, o jogador do centro diz: "Vai uma carta de... Curitiba a Belém", por exemplo. Os participantes que representam estas cidades trocam de lugar entre si, enquanto a do centro procura apossar-se de um círculo. Basta pôr o pé em uma rodinha, para garantir a sua posse. Quando duas crianças disputam o mesmo lugar, a êle tem direito quem chegou primeiro. Quem sobra vai para o centro nomear outras duas cidades. (É claro que ninguém pode chamar a própria cidade.)

A pessoa que, após três tentativas, não conseguir um lugar para si, diz: *"Carta para todas as cidades"*, sendo então obrigatória a troca geral de lugares. *Variantes*: Em lugar de cidades, os participantes representam Estados do Brasil, países de determinado continente ou quaisquer países. Outras variantes são realizadas com marcas de automóveis, frutas, flôres ou pássaros.



FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

3.ª semana

Hino: "À glória nós iremos," 158.
Oração:
Canção: Pelos filhos menores.
Lição: O ARREPENDIMENTO É UMA EVIDÊNCIA DO AMOR DO PAI CELESTIAL
Objetivo: Ajudar a família a reconhecer que o arrependimento é uma real evidência do amor do Pai Celestial.
Memorização: Rom. 2:4.
Atividade: "Correio".
Hino: "Dá-nos tu, Pai bondoso," 79.
Oração:
Lanche: Maria-mole feita em casa.

Pergunte: no lar fazemos coisas essenciais e obrigatórias? De que modo uma pessoa lavaria os pratos se estivesse sendo obrigada?

Durante esta semana os familiares deverão propor-se a fazer pequenas tarefas sem que sejam solicitados; deverão procurar fazer pequenas gentilezas uns aos outros.

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

4.ª semana

PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR

Objetivo: Reunir a família para gozar o espírito de amor e companheirismo com nossos irmãos, pois também são filhos do Pai Celestial.

1. O significado de "arrependimento"

Peça a todos que fiquem de pé e ouçam cuidadosamente, porque irá dar-lhes um mandamento; para avisarem que podem executá-lo, deverão mover os pés. Diga, "arrepender-se;" êles ficarão embaraçados, pois não compreenderão direito. Explique que vai pedir a mesma coisa de modo diferente; diga, "dêem meia-volta." Com certeza, dessa vez êles entenderão.

Tudo isso foi feito a fim de que entendam que a palavra "arrependimento" significa "dar meia-volta". No original grego, em cuja língua o Nôvo Testamento foi escrito, com frequência usava-se "meia-volta", querendo segnificar arrependimento.

Ressalte que "arrependimento" realmente significa que nós voltamos para o outro lado. Por exemplo, uma pessoa que tem o hábito de dizer mentiras deve mudar completamente seu modo de agir, (ou dar meia-volta), se estiver arrependida dessa fraqueza.

2. O Pai Celestial possibilita-nos o arrependimento porque nos ama

O Senhor planejou que viríamos à terra para progredir. Mas para conseguirmos isso, precisamos seguir seus mandamentos. Êle sabe que isso leva tempo; não conseguimos aprender a guardá-los de uma só vez. O Senhor nos ama e deseja nos ajudar a sobrepujar nossos erros; para tanto, possibilitou-nos o arrependimento.

O apóstolo Paulo disse, "A benignidade de Deus te leva ao arrependimento." (Rom. 2:4) Essa passagem expressa claramente que, devido à bondade do Pai, somos capazes de nos arrepender.

3. O arrependimento traz bênçãos às nossas vidas.

O Senhor deseja que tenhamos três importantes bênçãos, as quais sòmente vêm através do arrependimento:

a. Sobrepujar nossos pecados e ficarmos livres dêles através do arrependimento. (Conte algum incidente que possa ilustrar êsse ponto)

b. Através do arrependimento seremos perdoados do pecado que praticamos.

3.B

Escolha três pessoas para lerem as seguintes escrituras: Mosiah 26:29; Isaías 1:18 e Ezequiel 33:15-16. Depois de lidas essas passagens, pergunte:

Cada uma dessas escrituras, oriundas dos livros-padrão da Igreja, ensinam a mesma coisa sôbre o perdão dos pecados através do arrependimento? Qual a mensagem que os três versículos ensinam?

c. O arrependimento traz felicidade e vida eterna. Peça a um filho para ler Alma 22:15-16; se preferir, conte a história com suas próprias palavras. Depois disso feito, pergunte: O que o rei esperava ter de fazer para obter felicidade e vida eterna?

Ajude os familiares a aplicarem em suas próprias vidas a mensagem apresentada por Aarão nessa passagem, Através do arrependimento o Pai possibilitou-nos:

A — as bênçãos que todos procuram, mas que ninguém pode comprar.

B — a maior de tôdas as bênçãos — viver com Êle em seu reino.

Que grande amor Êle tem para com cada um de nós!

4. Como aprender a nos arrepender

Voces já deram um presente a alguém e essa pessoa o colocou de lado? Como se sentiram? Já deram um presente a alguém que o apreciou? O que sentiram?

Isso é mais ou menos o que acontece com o arrependimento: é um magnífico presente que o Senhor nos deu. A seguir, peça à família para ler as escrituras abaixo, as quais nos mostram que devemos fazer do arrependimento uma parte importante de nossa vida:
— Convidem ao rico, ao soberbo, aos humildes e aos pobres (D&C 11:9).
— Qual é o evangelho do arrependimento? (D&C 84:27).
— Os pais são solenemente encarregados de ensinar a doutrina do arrependimento aos filhos. (D&C 68:25)

3.C

1. Porque esta atividade é importante para a família

Embora a Igreja restaurada baseie-se nos princípios de amor, muitas vêzes estamos tão ocupados que não temos tempo de gozar o amor e companhia de nossos vizinhos, amigos e parentes. Quando isto acontece, nos privamos de uma das coisas mais alegres da vida e também de uma das maiores fontes de desenvolvimento espiritual.

Durante o planejamento e execução desta atividade, você terá oportunidade de avaliar e decidir se precisa ou não preparar suas atividades e dispender mais tempo e atenção com certos detalhes. Planeje esta atividade, que ajudará todos os membros da família a compreenderem que é importante dispender tempo para com o próximo.

2. Planeje a atividade com sua família

Uma pequena reunião de preparação deverá ser realizada para planejamento da atividade familiar. Poderá ser realizada antes ou depois da refeição, quando a família estiver reunida.

Algumas vêzes somos bastante tolos, por dispendermos nosso tempo com atividades menos importantes, deixando de lado pessoas verdadeiramente achegadas a nós. Esta atividade pode ser chamada de "atividade bem preparada", porque permitirá à família dispor do tempo em companhia de amigos, vizinhos ou parentes esquecidos.

Se os pais perceberem quais são as bênçãos que podem ter ao partilharem da irmandade e companheirismo, tornarão a ocasião realmente importante, podendo atingir o verdadeiro e duradouro significado do amor.

Discuta qual das atividades a família gostará de realizar, ou talvez a mesma sugira outras idéias melhores. Lembre-se do que fazem ou com quem se encontram; a atividade deverá ser planejada num espírito de amor e fraternidade. Será uma experiência que fortalecerá tôda a família.

4.B

1. Planeje uma "noite em família" com as pessoas ou famílias que têm interêsse em comum, mas que não se podem ver freqüentemente. Poderão mostrar fotografias, compartilhar experiências pessoais (os casais mais velhos sempre têm um interessante repertório dessas experiências), talento musical, experiências de viagens, de leituras, etc.

2. Planeje uma tarde com velhos amigos que não vêem há longo tempo.

3. Planeje um "tempo disponível" com os membros de sua família que não têm visto a miúde. Poderão ser os avós, filhos casados, irmãos, primos, etc. Diversos parentes poderão reunir-se nesta atividade.

4. Planeje uma festa, convidando os vizinhos, com atividades tais como jogos ou canções, onde adultos e jovens possam participar.

5. Planeje uma "atividade de trabalho" onde tôda a família reuna-se num projeto para alguém doente ou bem idoso, que necessita de ajuda, como limpeza da casa, consêrtos, etc. Muitas vêzes as melhores e mais doces lembranças de uma família são de ocasiões como esta.

6. Planeje uma noite para visitar uma família com quem gostariam de estar mais familiarizados.

3. Fazendo os planos com outras famílias

Como esta atividade será realizada com outras famílias, você deverá convidá-los com antecedência. Planejem juntos o seguinte:
— Tempo: estabeleça a melhor hora para todos. Uma vez marcada, cada membro da família referida deverá fazer um esfôrço especial para comparecer.
— Local: Concorde com o mais conveniente para todos.
— Lanche: Planejem juntos. Poderá ser uma refeição quente, um lanche frio ou simplesmente bolachas, e refrêsco. Divida os gastos e as designações.

4.C

A MAIS LONGA NOITE

Texto e ilustração de F. Máximo

Ao solene soar do sofar silenciando Jerusalém para a véspera do sábado, o claro sol de primavera cruzou o meridiano dos tempos, e lançando um último lampêjo sôbre a porta do Templo, declinou no horizonte. Com a fria quietude da noite, começara o primeiro dia da festa comemorativa da libertação nacional dos judeus, a Páscoa.

Não obstante, não havia um verdadeiro regozijo; o trêmulo rebrilhar dos fogos das sentinelas romanas nas portas e nas tôrres da fortaleza Antônia, fazia sentir a odiada presença da opressão do elmo romano. Assim, ao adensar-se a escuridão sôbre a cidade, acentuava-se também o negror das contradições daquele momento: um povo orgulhoso e inquebrantável comemorava a liberdade sem a possuir; um povo que esperava ansiosamente a vinda de seu redentor, não o reconheceria e ainda naquela madrugada haveria de negá-lo.

Não só no momento havia contradições, mas nos corações de cada um. O que era de confiança trairia, o que tinha certeza negaria, o que profetizara cumpriria, o que tinha a vida tomada a recobraria, o que tinha a vida em si mesmo a daria, o que não queria punir crucificaria, o que queria ver e ouvir veria mas não ouviria. Aquela seria a noite trágica dos atos pretéritos determinando o presente da vida de cada um.

Ainda podia lembrar-se do dia em que Valério Grato o apontara sumo-sacerdote. Fruia do poder e da importância das nobres famílias sacerdotais dos saduceus. Embriagava-se com a sua posição de destaque, como trocá-la por outra coisa, mesmo que esta fôsse a amizade de Deus? José Caifás estava enredado em si mesmo. Seus atos cada vez mais o haviam comprometido com o mundo, que agora lhe exigia fidelidade. Seu livre arbítrio escoara-se pouco a pouco por entre os dedos, até ver-se acuado, por sua própria escolha, de encontro às esmagadoras e inexoráveis rodas da profecia. Determinara-se e limitara-se a si mesmo.

Sentado em seu palácio, que se erguia ali na cidade alta, próximo do caminho de quem se dirige à Porta dos Essenos, meditava sôbre as suas preocupações. Aos seus olhos voltava a lembrança dos dois mil judeus crucificados que Quintílio Varo plantara ao redor de Jerusalém, quando de uma das revoltas durante uma festa. Apertou os olhos como que para evitar a lembrança. Ainda ecoavam nos seus ouvidos as palavras fatídicas daquela reunião no Sinédrio, quando discutiam sôbre aquêle que, pregando desde a Galiléia, agitava o povo até a Judéia. Ora, a Galiléia dos gentios não era uma região infestada de guerrilheiros, não era um de seus discípulos Simão, o Zelote? Haveria de se erguer outra floresta de cruzes provando que Roma não devia ser desafiada? Estava visto que êle operava muitos sinais e ensinava como um que tem autoridade. Que haveria de ser se continuasse? Acabariam todos crendo nêle, então haveria insurreição contra Roma, haveria crucificações em massa novamente, destruir-se-ia o Templo, fechar-se-ia o Sinédrio, não mais haveria um sumo-sacerdote, não mais haveria nação!

Sabia haver no Sinédrio alguns que criam nêle, porém temiam confessá-lo para não serem expulsos da sinagoga pois, por que haveriam de perder o louvor dos homens e o confôrto daquela posição? Urgia uma imediata providência. Melhor seria que êle perecesse pela nação tôda, e não tôda a nação por um só homem. Recordava-se daquela festa em que as tropas romanas foram apedrejadas e em retaliação assaltaram e saquearam o Templo. Haveria de ser prêso, mas não durante a festa, para que não houvesse um incidente semelhante, um tumulto entre o povo. Haveria de ser prêso por astúcia e morto.

Apertou os ouvidos como que para silenciar aquela voz cativante que lhe dissera: "Que me quereis dar e vô-lo entregarei?" Apertou-os ainda mais para cessar o tilintar das trinta moedas de prata sendo pesadas e entregues, pouco mais que o preço de um escravo a ser pago pelo Rei de Israel. Não podia dormir, a noite parecia comprida demais. No meio da madrugada o barulho da guarda chegando o tirou da sonolência. Traziam-no manietado.

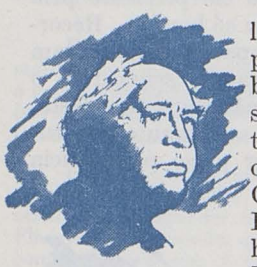
Subir de Cesaréia, onde passava o tempo todo a beira-mar, para a festa dos pães asmos em Jerusalém, fôra uma viagem bastante cansativa Não obstante o sono não lhe chegava. Instalara-se, como de costume, nos amplos aposentos do palácio Herodiano, ali, perto da porta do poente.

Saíra de Roma há quase um lustro atrás; meditava sôbre o seu govêrno na Palestina, sabia perfeitamente

...à meia luz da alvorada, uma chusma se aglomerava diante do pátio da fortaleza Antônia...

que fôra um êrro vir para ali, quando poderia ter-se desempenhado muito bem em qualquer outra região do Império. Sabia também que não era um personagem importante como os governadores da Síria e do Egito. Contudo, fôra uma sorte estar nas boas graças do prefeito dos pretores, Sejano; mas até quando?

Êsse contato com o filho de Sejano Strabo, governador do Egito, alterara em muitos pontos sua personalidade. Aproveitando-se da paixão de Tibério por Capri, Sejano acabara por tornar-se o senhor virtual de Roma, arquétipo dos ministros cruéis e corruptos, favorito do não menos cruel César. Sejano não tinha muitas simpatias pelos judeus, aliás, era notòriamente anti-semita; e êsse sentimento gratuito aos poucos lhe empolgara também a alma. Mas não fôra sòmente isso que adquirira da malígna influência de Sejano; também aprendera a matar a sangue-frio, como o fizera ao misturar o sangue dos galileus com o sacrifício que êstes mesmos realizavam, quando da agitação causada pela sua profana apropriação do corban do Templo para a construção de um aqueduto.



Desde que chegara à Palestina, Pilatos não escondera seus sentimentos pelos judeus. Chegara num ano sabático, quando todo o povo do Senhor se regozijava na lei do descanso da terra e propositadamente deixara que os seus legionários profanassem a Cidade, nela introduzindo efígies do Imperador, mais com intenção de humilhar os judeus que de honrar a Tibério. O povo se enfureceu e, tendo à frente os filhos de Herodes, acorreu a Cesareia exigindo imediata remoção dos abomináveis estandartes.

Até então Pilatos havia mandado e desmandado na Palestina, tendo às costas a simpatia de Sejano mas agora, morto êste, havia de ser mais prudente em seus abusos e arbitrariedades.

Era um pagão supersticioso e um prefeito temeroso de receber uma daquelas cartas-convite ao suicídio. Aquela era uma páscoa perigosa, com risco de insurreição. Lembrava-se da remoção de Varo do govêrno da Síria e do que lhe acontecera na floresta de Teutoburgo. Não conseguira conciliar o sono a noite tôda, que lhe parecera nunca mais terminar. Afinal pouco antes do nascer do sol, foi tirado da cama pela multidão que chegava trazendo um acusado. E, embora soubesse ser um ato ilícito atender a um julgamento em tais horas, assim mesmo foi, pressuroso.

À meia luz da alvorada, uma chusma se aglomerava diante do pátio da fortaleza Antonia, onde estava o Pretório e para onde Pilatos acudira às pressas. Os principais do povo haviam ficado portas a fora, temendo contaminarem-se, ficando assim impedidos de sacrificar o cordeiro pascal. Eis aí outra trágica contradição. Do quarto de milhão de cordeiros que seriam sacrificados naquele ano, êles estavam ali justamente para sacrificar o protótipo de todos os cordeiros.

Pilatos, cedendo às instâncias, saiu e disse-lhes:

— Que acusação trazeis contra êste homem?

— Se não fôsse malfeitor, não to entregaríamos! Eis que o encontramos subvertendo a nação, impedindo pagar tributos a César e afirmando ser êle o Messias, um rei!

— Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei!

— A nós não nos é permitido matar ninguém!

Ora, os romanos haviam alienado aos judeus o direito de executar a pena capital por lapidação, e em lugar disso, introduziram o suplício romano da crucificação.

Virando-se para o Senhor, disse-lhe Pilatos:

— És tu o rei dos judeus?

— Tu o dizes de ti mesmo ou to disseram os outros a meu respeito?

— Acaso sou judeu? A tua gente e os sacerdotes te entregaram a mim. Que fizeste?

— ...

— Não houves quantas acusações levantam contra ti? Não respondes coisa alguma?

— O meu reino não é dêste mundo, se o fôsse, certamente os meus ministros se empenhariam por mim, para que eu não fôsse entregue aos judeus, mas o meu reino não é dêste mundo.

— Logo, tu és rei?

— Tu dizes que eu sou rei. Para isso nasci e vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquêle que é da verdade ouve a minha voz.

— Que é a verdade?

— Voltando-se para o povo, disse-lhes Pilatos:

— Não encontro neste homem crime algum!

— Mas subverte o povo, ensinando por tôda a Judéia, desde a Galiléia, onde começou, até aqui!

Pilatos soubera que Herodes Antipas havia subido de Tiberias para a festa em Jerusalém, e ao saber que Jesus era da sua jurisdição, remeteu-lho. Era uma maneira de isentar-se das conseqüências de tal incômodo.

Ambicioso, mais astuto que prudente, Herodes era, por testamento de seu pai, tetrarca da Galiléia e Peréa. Não muito seguro de si, sempre evitara vulpinamente correr risco

pessoal. Seu irmão Arquelau não fôra tão prudente; herdeiro da corôa, mas sujeito à confirmação de Augusto, começou seu curto mandato trucidando milhares de peregrinos na praça do Templo, durante a páscoa; pelos seus desmandos acabou sendo banido para as Gálias, em vez de cingir a corôa. Herodes passou, então, a cobiçar a realeza, instigado por uma pérfida mulher.

Apesar de raposino, Herodes sucumbira aos encantos de uma ambiciosa mulher que pela lei lhe era proibida e que, portanto, acabaria por condicionar o meio pelo qual um homem é abandonado por Deus aos seus próprios pecados. A caminho de Roma, conhecera a mulher de seu meio-irmão, Herodes Filipe, com a qual se casou, tendo antes repudiado a filha do poderoso Aretas, rei dos nabateus, com quem estivera casado por vinte anos.

Herodiades lançara Herodes contra o profeta que o exprobara e por meio de astúcia conseguira a cabeça dêste último. Aliás, fôra ela quem comunicara a Herodes a ambição de vir a tornar-se o rei dos judeus, ela mesma estando inflamada pelo desejo de, como Alexandra, sentar-se no trono de Hasmoneu. Estas foram as últimas escolhas que a Raposa fizera por si mesmo.

Acaso João ressuscitara naquele que pregava em tôda a sua similitude? Não vira a sua cabeça separada do corpo em Maquero. Gostaria de vê-lo e interrogá-lo, pois dêle ouvira muitos sinais e prodígios. Pensava nisso, ainda acordado que estava, já perto do raiar do dia. Também pensava num velho atrito que tinha com Pilatos, o qual sabia estar na Cidade. Arriscara-se pela primeira vez em público por causa daquele incidente dos estandartes com efígies do Imperador, indo pessoalmente a Pilatos: "De onde procede isto de profanardes a Cidade com os teus legionários? Não te bastam os feitos de Pompeu e de Sabino, que nos seus dias pisaram o Lugar Santo?"; dissera-lhe face a face, "Tens acaso licença do Imperador para assim procederes?" Pilatos ficara furioso com o atrevimento da Raposa e ultrajou a Herodes e aos judeus que com êle estavam. Acaso haveria de dar-lhes satisfações? Arriscando-se à fúria do Imperador e de Sejano, Herodes subscrevera uma petição contra os abusos do Prefeito. Temendo um levante de graves proporções, Pilatos removeu a abominação, mas desde então ficara inimizado com Herodes.

Ora, Herodes muito se alegrou pela deferência de Pilatos em enviar-lhe o Senhor do Templo, Templo que defendera com tanto risco. Mas o seu regozijo durou pouco, pois que o Senhor não lhe dirigiu sequer uma palavra, e os sinais que esperava ver não lhe foram mostrados. Tornou, pois, a enviá-lo a Pilatos. Disso resultou que, antes que a noite findasse de todo, Pilatos e Herodes novamente se fizessem amigos.

Disse então Pilatos ao povo:

— Apresentastes-me êste homem como agitador do povo; mas, tendo-o interrogado diante de vós, não encontrei culpa alguma do que o acusais. Tampouco Herodes encontrou, pois no-lo tornou a enviar. É, pois, claro que nada achou contra êle digno de morte. Portanto, após castigá-lo, soltá-lo-ei; pois que é costume entre vós que eu vos solte alguém por ocasião da páscoa; quereis, pois, que eu vos solte o rei dos judeus?

Nisso, veio-lhe uma mensagem de Procla, sua mulher, dizendo: "Não te envolvas com êsse justo; porque esta noite muito sofri em sonho a respeito dêle."

Disse Pilatos ao povo:

— Qual dos dois quereis que eu vos solte?

— Faze morrer êste e solta-nos Barrabás!

— Que farei então de Jesus chamado o Cristo?

— Crucifica-o! Crucifica-o!

— Que mal fêz êle?

— Crucifica-o! Seja crucificado!

Apresentou-lhe, pois, Pilatos, após tê-lo mandado açoitar cruelmente, a massacrada figura de Jesus, e disse:

— De fato nada achei para condená-lo à morte. Eis que vo-lo apresento para que saibas que não acho nêle crime algum... Eis o homem!

Um frio silêncio de espanto tapou as bôcas da turba por um momento, ante a visão dolorosa, mas logo clamaram de nôvo, como que embriagados de sangue:

— Crucifica-o! Crucifica-o!

— Tomai-o e crucificai-o vós mesmos; porque não acho nêle crime algum!

— Temos uma lei segundo a qual êle deve morrer, porque a si mesmo se fêz filho de Deus!

Com isso, assustou-se ainda mais o prefeito pagão, agora percebia ser a questão um caso religioso disfarçado com política, mesmo assim, devido à superstição, tornou a perguntar a Jesus:

— Donde és tu?

— .....

— Nada me respondes? Não sabes que eu tenho autoridade tanto para te soltar como para te crucificar?

— Nenhuma autoridade terias sôbre mim se de cima não te fôsse dada; por isso quem me entregou a ti, maior pecado tem!

O supersticioso Pilatos, então, mais do que antes, procurava soltá-lo, mas clamaram:

— Se o soltas não és amigo de César; pois, todo aquêle que se faz rei, é contra César!

— Eis aqui o vosso rei!

— Fora! Fora! Crucifica-o!

— Hei de crucificar o vosso Rei?

— Não temos rei senão César!

Pilatos compreendeu que o povo estava alucinado e nada conseguiria senão aumentar o tumulto; por isso, segundo o preceito legal para os que acham alguém morto por um desconhecido, lavou as mãos para mostrar que: "As minhas mãos não derramaram êste sangue." Disse então ao povo:

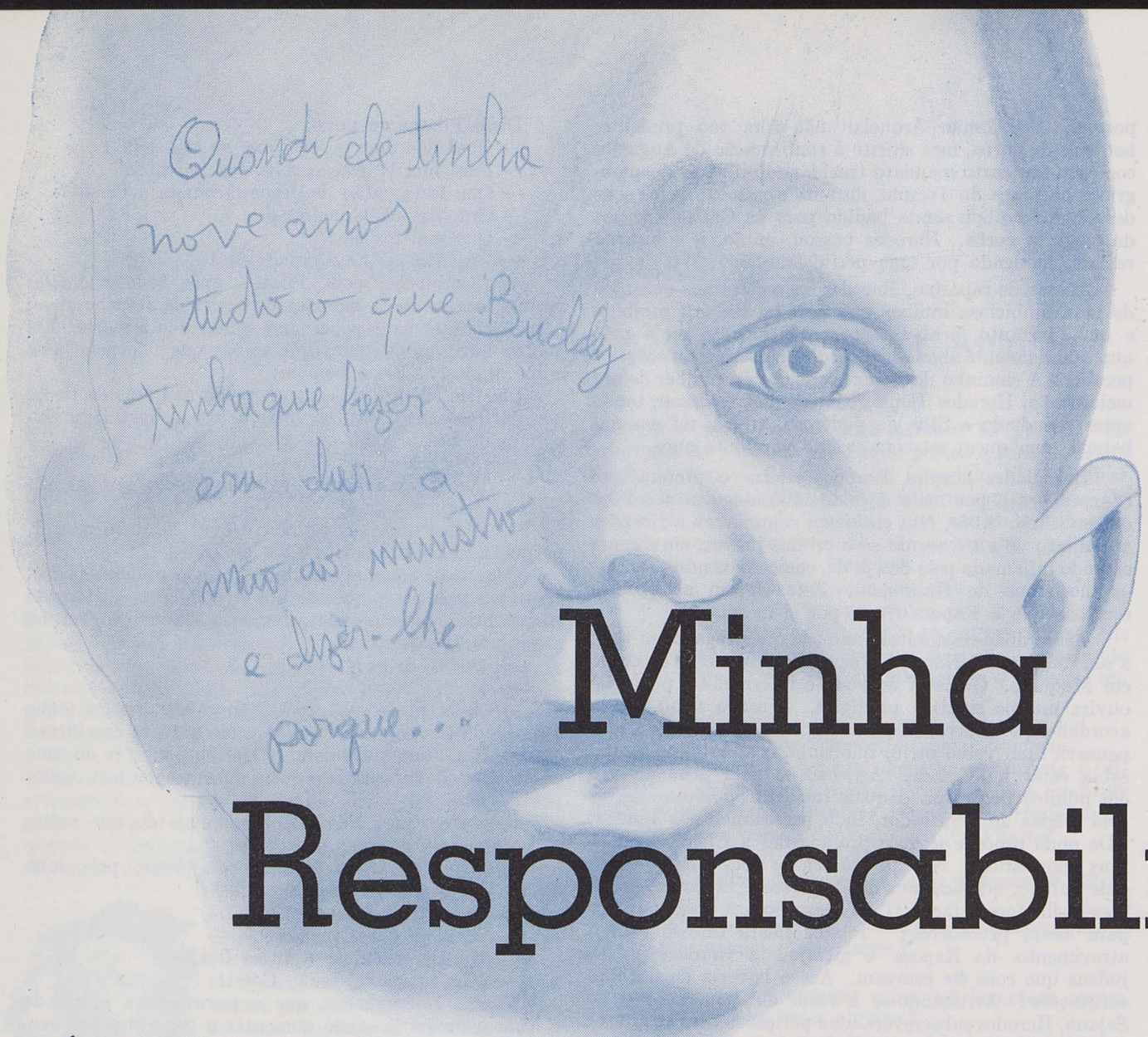
— Estou inocente do sangue dêste! Fique o caso convosco!

— Caia o seu sangue sôbre nós e sôbre os nossos filhos!

* * * *

O dia clareara, afinal apagaram-se as últimas tochas e o sol nascente projetou longas e tristes sombras sôbre o chão. Pilatos soltou-lhes então Barrabás e a Jesus, entregou-o para ser crucificado. Terminara a mais longa noite jamais vivida.

Ainda abundam na terra homens como Caifás, Pilatos e Herodes, tão humanos e comuns, capazes de vender ou comprar o seu próprio Deus pelo preço de escravo, negá-lo por amor da posição, dos amigos e da sociedade; entregá-lo por temor dos superiores, ignorá-lo sob o domínio de uma mulher. Nisso consiste amar mais a glória do mundo que a glória de Deus. Uma posição, um amigo, uma mulher. Muitos são os que ainda estão vivendo aquela terrível noite de trevas, cuja agonia se estende até êstes últimos dias, essa que foi a mais longa das noites.



Minha Responsabili

Êste artigo foi originalmente um discurso proferido numa reunião sacramental no ramo de Filadélfia (Penna. EUA), onde John Lamb é membro da Igreja. O irmão Lamb, que afiliou-se á Igreja em 1957, é um músico consumado e tem excursionado com o conjunto Duke Ellington como contrabaixista. Conta agora 31 anos de idade.

Gostaria de narrar a história de um garôto a quem chamarei Buddy. Nasceu em uma pequena cidade sulina sob restritas circunstâncias e cresceu tão normalmente quanto pode. Aos nove anos decidiu que chegara sua ocasião de afiliar-se à igreja de seus pais.

Buddy, desde seus primeiros anos, sempre participara de atividades da igreja, tais como a escola dominical. Dessa forma era fácil tornar-se membro, especialmente após as instigações dos garôtos mais velhos na igreja.

Afiliar-se era um assunto simples. Tudo o que Buddy tinha que fazer era caminhar até o púlpito, estender a mão ao ministro e dizer-lhe porque queria ser membro. Êste último requisito era algo difícil para Buddy. Ao chegar a sua vez, apenas postou-se lá fitando a congregação. Após o que lhe pareceu horas de embaraço, finalmente murmurou ao ministro, "Quero ser salvo." O pregador perguntou, "Você está disposto a ser um bom rapaz daqui por diante?" Buddy gaguejou, "Sim". Foi aceito como candidato, foi batizado, freqüentou regularmente as reuniões, e pagou seus tributos semanais à igreja.

Buddy continuou ativo na sua igreja até completar o secundário. Era tempo de pensar numa carreira. Buddy alistou-se na Fôrça Aérea.

A vida militar era diferente. Ao mesmo tempo que descobria que muita disciplina era requerida, descobria também uma nova independência dos pais. Podia beber cerveja se quisesse e fumar sem interferência dêles. "Rapaz, isto é bárbaro!" disse êle. Começou a beber café, não porque particularmente o apreciasse, mas porque isso lhe dava uma sensação de posição e o fazia sentir-se maduro.

Como se pode ver, Buddy era um rapaz normal. Sua infância e suas primeiras experiências militares eram muito similares às dos demais rapazes americanos.

Mas havia uma diferença.

Buddy era um negro.

— E Buddy sou eu, John Lamb.

O fato é que "deixei" completamente a religião ao entrar para o serviço militar. Pareceu-me ser tão sòmente uma reunião domingueira. Os ensinamentos eram vagos e incongruentes ao meu ambiente militar e à vida em geral. Tomaram conta de mim as frustrações e as ansiedades. Fui aos médicos e nada estava errado; minha saúde estava perfeita. "A vida deve ser melhor que isto," pensei, "Algo deve ser feito."

Na minha infância tinha sido ensinado a orar, mas me descartara do hábito na adolescência. Comecei a orar novamente, não sabendo o que esperar, mas tendo a esperança de que aliviaria meus sentimentos angustiosos.

"Se há um Deus," orei, "suplico que me guie. Estou disposto a guardar os seus mandamentos. Tenho que saber o que é certo e o que é errado."

Pouco depois resolvi retornar à minha velha fé.

John Lamb

i dade

Entretanto, descobri que isto não funcionava. Os mesmos sentimentos de ignorância e de incongruência continuavam subsistindo na igreja.

O próximo passo na minha busca pela paz de espírito foi estudar muitas religiões. Não sòmente investiguei as numerosas crenças, mas vivi entre muitos membros da Fôrça Aérea os seus hábitos e os seus ensinamentos. A única coisa que aprendi foi que tôdas as igrejas compartilham bons princípios e possuem muita verdade em comum.

Mas isto não me bastou. Continuei procurando.

Meu caminho sempre me conduzia ao mesmo lugar, o alojamento onde Jerry vivia. Jerry era um mórmon de Salt Lake City que parecia ter respostas para muitas das minhas desconcertantes perguntas.

Nunca esquecerei o que primeiro ouvi sôbre Jerry. Meu conhecimento sôbre os mórmons limitava-se a uma tênue lembrança de Brigham Young, talvez proveniente do ginasial. Certo dia entreouvi uma conversa: "Claro, êle é mórmon," disse um companheiro. "De que é que você está falando?" Perguntou o outro. "Êsse "cara" aí. Êle é de Salt Lake, pertence a alguma organização religiosa."

A conversa não significou muito na ocasião. Mas gradualmente vim a conhecer Jerry, que apareceu no exato momento em que me tornei interessado em várias religiões.

Sempre recorria a Jerry para ver o que êle tinha a dizer sôbre os vários pontos da escritura. Freqüentemente eu o interrogava quanto à sua crença. Êle tinha algumas colocações boas, mas imaginei que pudesse estar errado, assim comecei a freqüentar aulas de catolicismo.

Uma das sessões de estudos católicos chamou-me a atenção. A igreja católica sustentava que podia agir em nome de Deus. Nenhuma igreja protestante poderia reivindicar esta autoridade por terem tôdas se separado da igreja madre.

A confusão apoderou-se de mim.

A calma resposta de Jerry quando lhe apresentei a questão de autoridade, foi que eu tinha sido iludido. "Algum dia provarei isso, John," prometeu êle. Desafiei-o a provar e quanto mais cedo o fizesse, melhor.

Algum tempo depois, enquanto Jerry se preparava para ir a uma reunião, vi o Livro de Mórmon na sua mesa e perguntei sôbre êle. Informado que era uma das escrituras da sua Igreja, solicitei um exemplar.

Os primeiros capítulos bastaram. Era um dos livros mais cacêtes que jamais lêra. Foi parar na estante onde colheu pó por seis meses.

Tôda vez que eu abordava Jerry sôbre a sua religião, êle estava sempre ocupado. Mas não desisti, e um dia êle disse: "Suba aqui, John."

A partir daí, as maravilhosas verdades começaram a manifestar-se. À medida que êle explicava, tôdas as escrituras começaram a fazer sentido. O Livro de Mórmon começou a fazer sentido. O fundamento da revelação, a necessidade de apóstolos e de profetas, a autoridade para administrar as ordenanças, a restauração do Evanfelho e o Santo Sacerdócio tornaram-se verdades vívidas. Ao ler a história de Joseph Smith, parecia-me revivê-la. Eu, também, passara da ignorância para a luz.

Para encurtar a história, fui batizado na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, recebi o Espírito Santo, e fui aceito como membro.

"Mas John Lamb," todos a quem encontrava pareciam perguntar, "e quanto ao Sacerdócio? Você é negro! Acho que na verdade êsses mórmons lhe aplicaram uma lavagem cerebral, não foi?"

E a minha resposta foi, e continua sendo: "Sei que êste é o inspirado Evangelho de Jesus Cristo, restaurado não por uma fé cega, mas mediante um conhecimento que recebi de nosso Pai Celestial."

Minha posição nesta Igreja restaurada relembra-me a parábola dos talentos. Dois homens receberam cada um mais de um talento e os multiplicaram na ausência do seu senhor. Um outro homem escondeu seu talento. Todos eram responsáveis pelo aumento dos seus talentos.

Os atuais portadores do Sacerdócio têm um talento. Por enquanto, o Senhor deu-me outros talentos. É meu dever, como membro da Igreja, prestar serviço de todo modo possível, para multiplicar os talentos que me foram dados. Não estou isento, nem está isento o portador do sacerdócio.

Meus irmãos e irmãs, somos elegíveis para as bênçãos do Evangelho restaurado de Jesus Cristo. Oro para que sempre nos façamos dignos de recebê-las.

PRIMEIRO ARTIGO DE UMA SÉRIE
POR J. JOEL MOSS,

Professor de Desenvolvimento Humano e Relações Familiares na Univercidade de Brigham Young

CRESCENDO NO CASA

Sou um marido. No meu lar, provàvelmente numa azáfama, como é da sua natureza, há uma jovem senhora a quem chamo minha espôsa. Há anos atrás, ajoelhamo-nos frente a um altar e, fitando profundamente os olhos um do outro, comprometemo-nos a nos amar, honrar e tratar com carinho pelo tempo e por tôda a eternidade.

Agora já se passaram dezesseis anos. Quando minha espôsa me olha, o que vê ela? — um parceiro num parentesco celestial, um namorado, um fonte de segurança, um cheque de pagamento, um desafio, um patrão, um pé de vento que jamais pode ser apanhado em casa, ou uma dor de cabeça? Quando olho minha espôsa, que vejo eu? — uma parceira num parentesco celestial, uma mulher atraente, um anjo de misericórdia, um aborrecimento, uma resmungona, ou uma sinistra manipuladora?

Ao olharmos nosso casamento, vemos um companheirismo em desenvolvimento, um parentesco em crescimento, um desafio sedutor, uma luta pela sobrevivência, um jôgo de competição ou campo de batalha, um episódio romântico, ou uma vida de rotina?

O casamento celestial, ordenado e criado por Deus, é iniciado com a cerimônia do templo, mas sòmente torna-se uma realidade quando o casal cresce nêle.

Não há casamento perfeito. Para cada um de nós é apenas êste casamento no qual estamos envolvidos. Não há parceiro perfeito, incluindo nós mesmos. Há sòmente aquêle que temos e aquêle que somos. Não há uma maneira absoluta de edificar um casamento celestial. Há sòmente a maneira que melhor desencadeia mais possibilidades neste par unido por ordenança sagrada. Não há outros recursos a usar na edificação do casamento, senão aquêles trazidos nas personalidades dos cônjuges e aquilo que se pode extrair dos recursos espirituais fornecidos por Deus, pela sua fé e mediante o desenvolvimento pessoal. Há tão sòmente princípios a aprender, compreender e aplicar.

Discutamos alguns dêsses princípios. Mas, antes de fazê-lo, outro ponto deve ser observado. A menos que tenha visto alguma vez uma árvore ou planta grande e bela, você terá muita dificuldade em reconhecer que a que plantou já está crescida.

Semelhantemente, um claro reconhecimento do que seja o casamento celestial torna-se necessário para a compreensão de como desenvolver um. As linhas mestras para um casamento assim estão contidas nas escrituras, mas não são sempre simples de serem percebidas. As escrituras falam muito de amor, que sem dúvida é a base da riqueza nas relações humanas. Mas o estabelecimento de unidades de medida para saber quando tivermos alcançado o amor, ou mesmo que estamos tentando alcançá-lo, assim como muitas coisas nas escrituras, é deixado para aquêles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir.

S AMENTO CELESTIAL

Ver e ouvir tais coisas torna-se ainda mais difícil quando fomos criados em um mundo onde o modêlo de casamento não é necessàriamente o celestial.

O modêlo de casamento veiculado em nosso país freqüentemente soa como algo extraído de uma fabulosa novela, onde os sentimentos e as emoções são intensas e o êxtase do amor é o ingrediente-chave procurado. Mas atrás dessa fachada, alguns dos mais proeminentes pensadores do nosso mundo estão descrevendo um modêlo de casamento que se aproxima da nossa concepção. Nesse modêlo, a participação, o aprêço e o companheirismo são os ingredientes-chave.

Examinemos êsses três ingredientes. Participação implica em parceria. A menos que se sinta participação, a parceria por tôda a eternidade dificilmente será uma meta desejável. Companheirismo implica em fazer coisas juntos — planejar, decidir e realizar. Num casamento celestial ambos os cônjuges devem continuar a desenvolver-se individualmente, como se introduzissem contìnuamente novas riquezas no casamento. Um desenvolver-se às expensas do outro evidentemente não é participação nem companheirismo. Sem a experiência de fazer coisas juntos, não há muita oportunidade de participação. Aprêço implica em respeito. Sem respeito por si mesmo e pelo companheiro, não se tem esperança, nem visão, e certamente nem ansiedade para se engajar em atividades de parceria. Para se estar ansioso em crescer individualmente ou contribuir na edificação das relações mútuas, é preciso sentir-se apreciável e apreciado.

Agora, se alguns dos melhores pensadores sôbre o assunto estão concordando que êste tipo de casamento é o casamento "rico", o que do evangelho temos a acrescentar? A interpretação do amor dada nas escrituras parece implicar participação, apreciação e companheirismo — sendo todos os três significativos. Pareceria que o mundo está tendo o vislumbre de alguns dos importantes ingredientes de riqueza nas relações humanas. O ingrediente que o evangelho adiciona é a espiritualidade. Isto dá propósito à vida e uma profundidade à participação e ao companheirismo, que está acima e além da criatividade humana.

Falando de um casal cujo amor cresceu através dos anos até .a completa maturidade, Felix Adler, um psicólogo, disse certa vez:

"Juntos percorreram a estrada da vida, e as recordações agora os mantêm unidos, recordações das muitas horas de inefável felicidade, ou uma sensação de unidade tão próxima da bem-aventurança quanto possam os corações mortais alcançar, com altas aspirações buscadas em comum, com tristezas partilhadas — tristezas sacramentais. E agora, aproximando-se do fim, de mãos dadas, contemplam a amplitude do universo, e o amor que encontraram até o fim torna-se para êles o penhor de um amor mais vasto que se move além das estrêlas e dos sóis." (Felix Adler, *Incompatibility in Marriage* (Nova York: D. Appleton and Co., 1930), p. 15.)

Ou como foi expresso por David Mace, destacado conselheiro matrimonial inglês:

"O que o marido e a mulher necessitam para a plena maturação das suas relações é um senso de destino compartilhado, um sentimento de que são membros de uma equipe trabalhando em uma grande causa, unidos a serviço da humanidade. Alguns dos mais intensamente felizes casais que conheci encontraram a felicidade ao buscar juntos o destino que profundamente creram terem vindo a partilhar."
(David. Mace, Sucess in Marriage (Nova York: Abingdon Press, 1958), p. 42)

Tenho um amigo ateu que goza um dos mais esplêndidos casamentos. Há participação e companheirismo. Cada um tem o profundo aprêço pelo outro, e partilham de um sentimento de dedicação à humanidade mediante a educação e instrução dos filhos. Têm tôdas estas coisas

...mas sempre haverá diferenças, em tôrno das quais o

mas carecem de espiritualidade — um sentido de parceria com Deus e com o divino amor que enche o universo. É essa grande associação com Deus e a resultante profundidade de viver que devemos apanhar e exemplificar, ou nada teremos para proporcionar ao mundo.

A participação nutre-se de honestidade emocional. As pessoas podem partilhar apenas daquilo que têm disponível em suas personalidades. Assim, cada pessoa tem algum bem que pode partilhar. Todo casamento tem imãs que mantêm as relações. Mas êsses imãs não são os mesmos para todos os casais. Há algum tempo atrás foi-me perguntado: "Existe o tal tipo de marido pachorrento e que não tem muito a dizer de uma maneira ou outra?" A questão reflete a preocupação de uma senhora em busca de um senso de participação, mas evidentemente limitada pelas respostas do seu marido.

Há muitos homens assim — e mulheres — que ou têm poucas preocupações reais, ou são incapazes de expressar o que sentem. Um parentesco compartilhado com tal indivíduo não se desenvolve da mesma forma como o faria com uma personalidade diferente.

Há personalidades dominantes, às quais os outros devem exibir alguns sinais de dependência. Há pessoas cautelosas casadas com pessoas mais dinâmicas e agressivas. A personalidade do nosso parceiro poderá ser muito similar à nossa, mas haverá sempre diferenças honestas que aparecerão e em tôrno das quais nosso senso de participação deve desenvolver-se.

Uma garôta certa vez perguntou-me o que eu queria dizer com honestidade emocional. Como eu conhecia seu irmão e sua cunhada, sugeri êsse casal como exemplo.

"Diga-me," disse eu, "que achou de viver na casa de seu irmão?"

"Êle é amável, interessante, muito capaz e costumeiramente agradável." Respondeu ela.

"Sei disso," disse, "diga-me algo mais."

"Bem, êle sempre impõe o que quer."

"Êle compreende isso?" perguntei.

"Não, realmente não." replicou ela.

Então perguntei: "A espôsa dêle compreende isso, e é capaz de controlá-lo?"

"Estou certa que sim. Ela parece muito apta à manipulação das coisas, de modo que obtém o que realmente quer, mas êle pènsa que é idéia dêle. Ela é também firme o bastante para, numas poucas coisas, fazer frente a êle."

"Diga-me", disse eu, "o que aconteceria nesse casamento se o marido compreendesse melhor o que fêz e os efeitos disso no casamento?"

"Bem," disse a irmã, "Suspeito que ela não teria de manipular tanto as coisas, e a vida seria um pouco menos tensa. Creio que, talvez, descobrissem ser muito mais fácil conversarem e fazerem mais coisas juntos do que apenas êle fazer o que quer. Talvez viessem até a se conhecerem melhor."

Há uma estrutura peculiar de participação no casamento dêsse casal, mas com algumas limitações. Não mudará ràpidamente, e se mantido, sua qualidade dependerá bastante da habilidade da espôsa em criar experiências de participação e tecer a sua vida com o prescrito pelo seu marido.

...is o nosso senso de participação deve desenvolver-se...

Não é apenas um caso de liderança da família. Um homem pode dirigir e presidir sem impor a sua vontade sôbre as pessoas, a menos que a isso seja inspirado. Os homens dominantes agem como se as suas ações fôssem inspiradas, não obstante só haverem muito poucos homens tão fiéis que andem assim tão próximos a Deus.

Há algum tempo atrás uma jovem veio ao meu escritório e disse: "Irmão Moss, meu namorado tem um problema!" Durante a conversa descobri que o problema era que o rapaz não conseguia dizer à moça como se sentia acêrca das coisas. Assim, perguntei-lhe: "Mas êle jamais consegue lhe dizer como se sente?"

Ela respondeu: "Sòmente quando eu o pressiono a contar-me."

Perguntei: "Por que você quer saber como êle se sente a maior parte do tempo?"

Disse ela: "Qualquer moça que esteja interessada num rapaz quer saber como êle se sente ou sente-se deixada de lado."

O problema é que o rapaz não pode expressar-se ou que a garôta se sente abandonada?" A resposta deve ser que ambos são problemas — realidade que afetaria a habilidade dêste casal viver bem, se se casassem. No momento, o problema particular era que a môça sentia-se deixada de lado, mas tinha sido incapaz de aberta e honestamente admiti-lo. Era mais sensível ao sentimento de abandono que a maioria das moças. Esta era uma realidade que tinha de encarar, tanto na escolha de um marido como na natureza de convívio que viria ocorrer em seu casamento.

Em seqüência à palestra, ela disse: "Fomos ao futebol uma noite dessas. No meio do jôgo êle tornou-se muito interessado e inclinou-se para a frente, concentrando-se nêle. Não me dava a mínima atenção, e comecei a me sentir abandonada. Afinal, estiquei o braço, bati-lhe no ombro e lhe disse: 'Lembra-se de mim?' Replicou êle, 'Cale-se e preste atenção ao jôgo.'"

Faltava à garôta alguma participação. O rapaz estava envolvido no jôgo, ela não. Dessa forma, virou-se para êle a fim de pedir-lhe que a ajudasse a se tornar parte do que estava acontecendo. Em vez de corresponder a isso, êle lhe disse que cuidasse de si mesma. Ela não podia, e em conseqüência passou o resto do jôgo ressentida e irada, sentimentos êsses que descarregou nêle a caminho de casa. A concentração dêsse camarada lhe será muito útil profissionalmente, mas a garôta que se casar com êle corre o risco de ser ignorada algumas vêzes. Era uma realidade emocional que essa garôta tinha de encarar e decidir se poderia suportar ou não. Era o reflexo de pormeres nos quais o convívio não seria fácil para êles mas, se corretamente manuseado, poderia ser aceito e as eventualidades do convívio construídas de outras formas.

Contei esta história certa vez, numa Semana de Educação na Universidade Brigham Young; após a sessão, uma senhora me procurou e disse-me: "Tenho um caso ainda melhor para você. Quando vamos ao futebol, meu marido vira rapazola. Esbraveja e grita como qualquer um dêles. Para mim isto comprovou-se muito aborrecido ao ponto de sentir-me embaraçada de ir ao jôgo com êle. Adivinhe como resolvemos o problema?" Admiti que estava muitíssimo interessado, e ela continuou a contar: "Quando temos de ir ao jôgo agora, digo-lhe para ir com os seus amigos e divertir-se, e eu vou com meus

...todos nós temos objetos de interêsse que nos influenci a

amigos. Não mais nos sentamos juntos nos jogos, e ambos os apreciamos."

Êste casal tinha decidido ser hontesto e admitir algumas realidades acêrca um do outro. Alguns de vocês poderiam dizer: "Mas, esta não é uma boa solução. "Deveriam ter dado um jeito de poderem ficar juntos." Ora, deixem-me perguntar, o que realmente é o estar junto — estar um na presença do outro, ou partilhar dos sentimentos de alguém sôbre alguma experiência? Sentando-se separados, poderiam partilhar as emoções a caminho de casa, e talvez mais tarde pudessem tornar-se aptos a sentarem juntos. "Mas", argumentaria você, "deveriam ser capazes de ficarem juntos agora."

Idealmente, isto é verdade, mas qual dêles você sugere mudar agora mesmo? Em quanto tempo você espera que um entusiasta aprenda a controlar-se? Não se pode apagar o entusiasmo ao bel prazer. E o embaraço, se qualquer um de vocês já experimentou embaraço, pode ser extinto à vontade? Êsse casal estava procurando reconstruir suas relações com o que tinham, não com o que gostariam de ter. E o resultado cria um ambiente no qual sentem-se como se estivessem alcançando um ao outro em apreciação e não como ferindo um ao outro em frustração.

A participação ocorre em diferentes níveis — físico, mental, emoções superficiais, e profundas emoções de ternura. Cada um de nós tem uma personalidade e uma profundidade espiritual, mas ninguém mais sabe disso a menos que queiramos partilhá-las com êles. Sòmente quando sentimos que o ambiente é acolhedor é que nos abrimos e deixamos os demais verem nossos temores, alegrias, esperanças e tristezas interiores. Sòmente quando sentimos que o interlocutor é compreensivo e honesto é que escancaramos as portas e deixamos a mensagem do coração fluir para fora. O poeta Matthew Arnold pode ter vislumbrado isso quando disse:

"Ah, e mesmo o amor é muito fraco
Para abrir o coração e deixá-lo falar
Serão os amantes impotentes para revelar
Um ao outro o que realmente sentem?"

Talvez seja por isso que um outro autor comentou bastante acertadamente que "abrir o coração poderá fortalecer o amor!"

Sermos honestos requer que reconheçamos que, como indivíduo único, cada pessoa tem um mundo privado de significados e compreensões próprias. Outros poderão partilhar sòmente na medida em que essa pessoa esteja disposta a partilhá-los. Minha espôsa é bacharel em arte dramática. Quando vamos ao teatro, estou cônscio que ela tem sensações e experiências que eu não tenho. Não obstante, quando estou em casa sentado numa espreguiçadeira, tenho sensações e experiências, no deixar a minha mente vagar, que ela não tem. Embora cada um de nós estejamos em tais situações, podemos experimentar e partilhar profundos sentimentos, tão sòmente porque somos encorajados a partilhar um com o outro os nossos mundos privados.

Há muitos aspectos nos quais tal participação de mundos privados pode ser vagarosa e não fàcilmente compreendida. Uma mulher cujo marido goste de pesca poderá não compreender como pode êle ficar sentado num banco ao céu aberto, deixando a linha bambalear-se na água. Êle poderá não compreender porque ela não pode apreciar a imensa satisfação proveniente dessa experiência. Todos nós temos objetos de interêsse que nos influenciam e que podem ser difíceis de explicar aos outros. Contudo, pela tentativa de explicar e partilhar as experiências, os sentimentos gradualmente se tornam mais apreciados com o passar dos anos.

A taça do convívio deve ser contìnuamente re-abastecida para que se possa sentir a profundidade das relações e com isso, uma ansiedade em explorar mais além as muitas facetas da vida. Sem tal ansiedade podemos nos tornar hesitantes em expressar nosso eu verdadeiro, caso em que as pessoas não vivem senão com uma parte de nós. O eu externo que exibimos às pessoas não é senão uma simples imagem se comparada à complexidade subjacente. A participação dessa profundidade e dessa complexa qualidade é o mais importante.

Tal participação também requer o reconhecimento do princípio de que cada casamento leva dentro de si as sementes do seu próprio desenvolvimento e as sementes da sua própria destruição. Na verdade, algumas das próprias coisas que atuam no sentido de manter unido um casal, poderão gerar tensão e levá-lo à separação definitiva.

Minha espôsa, em conformidade com suas habilidades dramáticas, é uma pessoa excitante, ativa e vibrante. Gosta de estar a fazer coisas. Esta é uma das razões porque me tornei interessado nela. Gosto da riqueza a que esta atividade pode me conduzir. Eu sou mais pacato, e embora faça uma porção de coisas, faço-as de maneira diferente. Em certas ocasiões gozo o regalo de sentar-me e deixar o meu pensamento vagar. Êste é um aspecto ao qual posso conduzir minha espôsa a novas experiências, conforme compartilhe o seu significado com ela. Mas há ocasiões quando quero pensar e ela quer fazer coisas, e levanta-se a questão do que será feito. Isto poderá produzir tensão e encobrir tôda a riqueza que poderia vir dessas diferenças. A segurança que ela deseja e encontra em mim é por vêzes tardia e aparentemente ineficiente. O excitamento que ela mostra em certas ocasiões é para mim um sentimento de premência que sinto que deveria combater.

ci am e que podem ser difíceis de explicar aos outros...

Ao viajar, uma das mais freqüentes perguntas que ouço é: "Como podemos achar tempo para que a nossa família esteja reunida?" As espôsas perguntam: Como é que você prende o seu marido, para que você e a sua família possam gozar a sua presença? Outra idéia freqüentemente expressa pelas mulheres é: "Oh, como eu gostaria de poder conversar bastante com meu marido sôbre qualquer coisa que não fôsse dinheiro, trabalho e filhos!"

Tudo isso exprime ansiedade de participação entre duas pessoas. A participação difìcilmente pode ocorrer quando o companheirismo não seja praticado ou o aprêço não seja sentido. O aprêço se nutre de comunicação entre os indivíduos — comunicação que diz ou mostra que a outra pessoa é amável e amada. Sem tal sentimento nós não procuramos partilhar. Com êste sentimento estamos dispostos a tentar experiências de companheirismo das quais a participação pode ser um resultado.

Estaremos tratando da estima e do companheirismo nos artigos subseqüentes, razão pela qual não irei comentá-los agora, exceto para dizer que ambos têm significados diferentes em diferentes indivíduos. O marido poderá achar que é companheirismo porque êle ganha o dinheiro e a mulher o gasta. Isto é uma forma de companheirismo, mas não aquela da qual resulta a participação. Se um dêles não sentir que o outro deixa-se envolver no que está ocorrendo, êle poderá não sentir o companheirismo no sentido de participação. O companheirismo vem da realização — mas tem que ser do tipo de realização na qual ambos sentem que o outro se tem realmente deixado envolver. Apenas falar ou fazer sem envolvimento não é o suficiente.

Agora, o que dizer sôbre a espiritualidade? — como a alimentamos? O evangelho está cheio de orientações. Bàsicamente nutre-se de fé. As escrituras dizem que a espiritualidade vem àqueles que humildemente buscam a Deus. Devemos buscá-lo não só em humildade como também em dignidade... Se eu não sinto um senso de dignidade pessoal, difìcilmente sentir-me-ei digno da atenção de Deus, de forma que o abordarei hesitantemente. Ao ler as escrituras, de fato, descubro a mim mesmo dilacerado entre as que salientam a humildade e as que salientam o fato de que o homem deve agir como se tivesse fé.

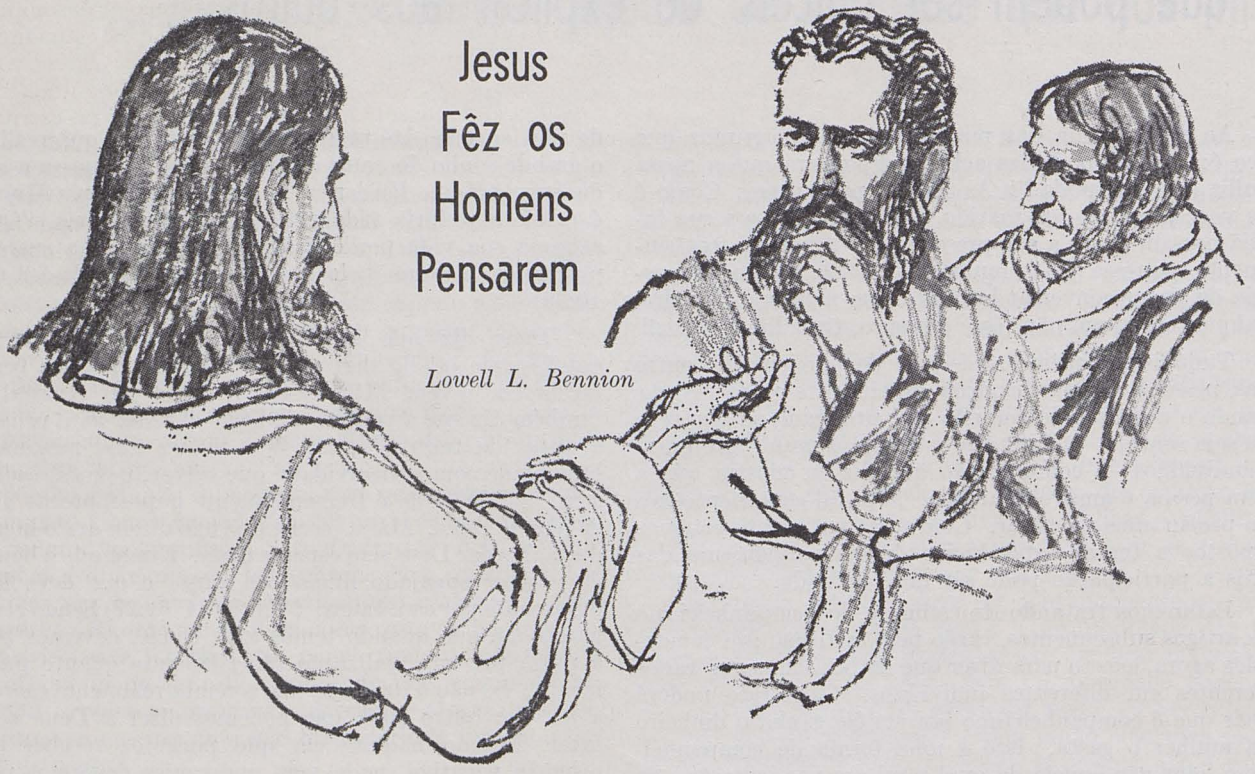
O casamento celestial traz a maravilha para aquêles que pagam o preço para vê-la. O preço requer espiritualidade para edificar e parceria com Deus para que a sua bondade possa acrescentar profundidade às nossas vidas. Requer um coração capaz de apreciar para criar um ambiente no qual se possa sentir o desejo de experimentar as atividades da vida com uma atitude de "desejo de estar juntos". Nessas atividades ocorrem oportunidades de participação das profundezas do espírito que realizam o grande sonho do amor celestial. Possa ser nossa a sorte de encontrá-lo. Perder-se na busca de tal participação é achar a própria vida pois, como disse Jesus, "Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor a mim (pelo amor criativo) achá-la-á." (Mt. 10:39)

Deus diz que aquêles que buscam encontrarão; aquêles que batem lhes será aberto; aquêles que pedem receberão. (Veja Mt. 7:7-8; Lc. 11:9-10) A escritura também diz que a vontade de Deus deve ser feita primeiro e antes de tudo o mais. Isto requer uma mistura de humildade com agressividade que talvez, poucos reconhe cem. Ser humilde é tremendamente importante na abor dagem de Deus. Mas as escrituras não dizem que o homem deva abordar Deus sem esperar nada. Dizem que o homem deve estar engajado numa boa causa e que deve lutar duramente por essa causa. (Veja D&C 58:27) Sendo assim, parece-me que quando temos uma causa, devemos bater à porta por sua realização tão rijamente quanto pudermos... Se não o fizermos, não teremos realmente exercido a fé. Por outro lado, não podemos dizer a Deus o que fazer. Mesmo naquilo em que podemos receber uma resposta negativa, nada vejo que sugira devermos pedir tìmidamente e sem insistência. A espiritualidade nos tempera pela sabedoria de Deus e nos ensina que devemos esperar fazer mudanças em nossa vida com o passar dos anos. Dá-nos a base para um propósito na vida. Com tal propósito temos a visão e a esperança, sem as quais o apóstolo Paulo sugere que nada teríamos (Veja I Co. 13) É a esperança que nos dá a sensação de que podemos tentar e fazer. A qualidade da atuação de Deus em nossa vida, temperando-a, poderá levar-nos a descobrir a verdade e a beleza que neste momento não podemos conceber.

Recordo-me de uma experiência que tem sido muito útil em minha vida. Como missionário, tive ocasião de visitar o templo do Havaí. Certo dia, numa das salas do templo, lembro-me de ter olhado as irmãs na sala vestidas com os trajes do templo e de que uma clara sensação correu pelo meu corpo parecendo dizer: "Você jamais viu algo mais belo." Esta experiência tem exercido uma real influência nos meus sentimentos sôbre o belo, meus sentimentos sôbre a esperança pelo futuro, e sôbre o que desejo construir em minha vida.

Parece me que a menos que vejamos a beleza que pode estar à nossa frente, não teremos esperança. Sem esperança não exerceremos fé. Sem fé não abriremos as janelas dos céus, e ainda mais, não faremos o esfôrço para sermos honestos, o que nos dará companheirismo e convívio normal.

(No próximo mês: Empatia — O Q. E. do Casamento)



Jesus Fêz os Homens Pensarem

Lowell L. Bennion

O sentimento desempenha importante papel no evangelho e o mesmo acontece na vida. A fé, o arrependimento, a humildade e o amor — princípios fundamentais da fé cristã — estão ìntimamente relacionados com sentimento e atitude. Religião, porém, é mais do que sentimento. No primeiro mandamento somos exortados a amar o "Senhor com todo o teu entendimento e todo o teu coração." Um dos traços mais característicos do evangelho restaurado é a ênfase que dá ao aprendizado e ao conhecimento.

". . . procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé." (D&C 88:118)

"Qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição." (D&C 130:18).

Jesus pessoalmente era uma mente brilhante. Isso se evidencia pelos seus provérbios, parábolas, Sermão da Montanha, diálogos e pelo conteúdo e progressivo desenvolvimento das Beatitudes. . . Desde a sua discussão no Templo, na idade de doze anos, até o fim de seus dias, quando ". . . nenhum homem ousava perguntar-lhe mais nada." (Marcos 12:34), Jesus assombrou os ouvintes com a sua habilidade em fazer e responder perguntas.

Jesus fêz com que os homens pensassem. Sòmente êste fato o classificaria como um grande professor. Ainda e sempre, pela influência de sua mente, os homens eram levados a examinar seus impulsos, a qualidade de suas vidas, e a lógica do que pensavam. Todos os que conversaram com o Mestre, ao saírem levavam algo em que pensar.

Quando os escribas e os principais sacerdotes preparavam-lhe armadilhas, estava sempre à altura dos acontecimentos, freqüentemente respondendo com outra pergunta. Certa vez perguntaram a Jesus com que autoridade Êle fazia "aquelas coisas." Se tentasse justificar-se poderia entrar numa disputa interminável. Com muita sabedoria, respondeu simplesmente: "O batismo de João era do céu ou dos homens?" Êles não ousaram responder; então Jesus respondeu, ". . . tampouco vos direi com que autoridade faço isso."

Noutra ocasião Jesus foi pôsto num dilema pela pergunta: "É-nos lícito dar tributo a César ou não?" A resposta, fôsse "sim" ou "não", teria provocado uma séria atrapalhação. Quão judiciosa foi a sua conhecida resposta! (Veja Lucas 20:19-26).

Defendendo a cura no Sábado, em lugar de provocar um debate, Êle fêz simplesmente duas notáveis perguntas: "É lícito curar no dia de Sábado? . . . qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado o jumento ou boi, o não tire logo?" (Ver Lucas 14:1-6)

Para responder à pergunta, "E qual é o meu próximo?" Jesus disse a parábola do Bom Samaritano. E para tirar a conclusão Êle devolveu a pergunta ao seu interlocutor. (Lucas 10:25-37)

Quando chegou o tempo de revelar aos discípulos, com tôda a clareza, a sua divindade, nada lhes disse, porém perguntou, "Que dizem os homens ser o filho do homem?" E para dar mais ênfase à segunda pergunta, disse, ". . . e vós, quem dizei que eu sou?" Pedro, ao dar a resposta, sem dúvida era levado a dizer o que ouvira dêle mesmo. (Mateus 17:15-16)

A instrução é quase sempre definida como sendo o resultado da atividade do professor. Seria muito mais exato se fôsse encarada como sendo o resultado da atividade do estudante — se fôsse ensinado como sendo o processo pelo qual o estudante está aprendendo. A expressão comum do professor: "Vou dar uma lição," subentende uma completa passividade da parte do estudante. Êle é considerado apenas um cesto vazio e ser cheio pelos frutos do pensamento do professor. Nenhum estudante aprende qualquer coisa sem pensar. Nenhum estudante se modifica, a menos que seja realmente envolvido pelo pensamento e pelo sentimento.

Jesus fêz perguntas bem feitas. Para respondê-las as pessoas tinham que pensar profundamente. Muitas vêzes eram obrigadas a um exame interior e ficavam um tanto envergonhadas ao responder. Um êrro comum entre professôres é fazerem perguntas cujas respostas possam ser simplesmente "sim" ou "não". Êste tipo de pergunta não exige reflexão e deixa a classe no mesmo ponto. Por exemplo: Deve o homem amar o seu semelhante? A Igreja de Jesus Cristo é dirigida por profetas?
As perguntas deveriam ser escritas de tal maneira que excitassem a mente e obrigassem a pensar para respondê-las. Por exemplo:

Por que precisamos amar os nossos semelhantes?

Qual é a diferença entre o amor do nosso semelhante e o amor de uma amiguinha? (ou de Deus?)

O que deve um homem ter (e ser) para ser um profeta de Deus?

Por que deve a Igreja de Cristo ser dirigida por profetas?

Um outro grande mestre que fêz da arte de perguntar uma ferramenta de grande respeitabilidade e uma ferramenta eficiente de ensinar foi Sócrates. A sua arte tornou-se conhecida como o Método Socrático. Êsse método é conservado e profusamente ilustrado nos diálogos com o seu famoso discípulo Platão. Os professôres muito aprenderiam com Sócrates sôbre a maneira de fazer perguntas.

Outro processo eficiente de transformar o ensino em aprendizado do estudante é fazer com que os estudantes definam o significado das palavras.

Um grupo de jovens de treze anos de idade, estudando a vida de Paulo, foi convidado a definir as palavras escritas em itálico nas seguintes frases do Apóstolo: "Não seja vencido pelo mal, mas vença o mal com o bem." Todo o período de aula foi gasto na tentativa de descobrir o significado das duas palavras e procurando demonstrar que o mal é mais fàcilmente vencido pela prática do bem. Os estudantes deram a maior parte das explicações e tiveram oportunidade de pensar. Uma das técnicas mais eficientes de fazer pensar é o método de estudar casos. Jesus usou isso em algumas de suas parábolas. Havia incidentes que, muitas vêzes, necessitavam de análise e aplicação na vida diária. No princípio da aula, para chamar a atenção ou no fim da aula para provar a eficiência do que foi ensinado, o estudo de um caso pode ser apresentado à classe para ser solucionado. Numa aula sôbre honestidade o professor pode terminar com a seguinte ilustração: Um estudante universitário com mulher e dois filhos tinha um emprêgo bem remunerado com um homem que estava decepcionando o público por não o estar representando (o público) devidamente. Êste estudante só descobriu isto quando já estava a seu serviço há vários meses. O estudante não estava envolvido diretamente no caso; êle apenas escriturava os livros. Que deveria fazer? Precisava do emprêgo para completar o curso escolar.

Os professôres precisam seguir o exemplo de Jesus Cristo e fazer pensar a seus alunos, ensiná-los a usar a imaginação e a examinarem suas próprias vidas. Só então o ensino se transforma em aprendizado. Isso demanda imaginação, reflexão e estudo da arte do Mestre.

JÓIA SACRAMENTAL

para fevereiro:

Escola Dominical Sênior
Eclesiastes 5:2

Escola Dominical Júnior
Marcos 11:25.

Recitação em Conjunto
Curso 5: Romanos 12:1
Curso 8: Efésios 2:8.

HINOS DE ENSAIO

Escola Dominical Sênior

"Cristo, meu Salvador," n.º 200.

Escola Dominical Junior

"Esta é a Casa do Senhor," n.º 67.

Página Feminina

CORAÇÃO FECHADO

Resumo: *Joana Moreira, enfermeira-chefe do Hospital de Pilares, passa um fim de semana com sua companheira de quarto, na fazenda da família desta. Joana torna-se amiga de Huguinho, o caçula. Tempos mais tarde, Huguinho fere-se gravemente e todo o corpo médico do hospital fica preocupado com o seu estado.*

Capítulo VI

Shirley Thulim

Joana e o dr. Décio correram para a sala de emergência. A voz que chamara o médico há alguns momentos parecia calma e impessoal, mas ambos sabiam que "chamando o dr. Domingues" poderia significar que Huguinho estava pior. Nenhum dos dois falou as palavras que martelavam seus pensamentos; não era preciso. Joana sabia o que o médico estava pensando e, quando chegaram ao primeiro andar, sentiu que havia entre êles um traço de união.

Quando chegaram ao quarto de Huguinho, as enfermeiras trabalhavam frenèticamente. Os primeiros pensamentos de Joana foram para Corina.

"Corina, venha para fora," disse.

"Não, Joana, não posso sair daqui agora,"

"Corina, você precisa esquecer que é enfermeira. Agora você só é irmã dêle."

"Por favor, Corina, vá," disse o dr. Décio. "Seus pais precisam de você."

Joana sentiu que Corina cedia. "Você tem razão," disse a outra. "Mamãe precisa de mim." E saiu.

Em poucos minutos tudo acabara. Huguinho estava morto. O dr. Décio encurvou os ombros. Não disse nada a Joana, quando passou por ela em busca de Corina. Joana sentiu-se como se estivesse revivendo um pesadelo. Deixei que acontecesse outra vez, pensou. Mesmo depois de planejar, envolvi-me novamente. Adorava Huguinho, mas agora êle se fôra. Dirigiu-se para o seu quarto.

As horas passavam e Joana continuava na cama, esperando. Não sabia o que esperava. Estaria esperando que o dr. Décio ou o dr. Nilo a chamassem? Sentia-se inútil e desnecessária. Então lembrou-se que Marcelo estava esperando por ela. Já passava das duas e ela lhe havia dito que o levaria à terapia. Levantou-se e dirigiu-se ao quarto do rapaz.

"Tudo pronto?" perguntou.

"Eu não vou," respondeu-lhe Marcelo.

"É claro que vai!" Pegou a cadeira de rodas e aproximou-se da cama.

"Não adianta, Joana. Sei que minhas pernas não melhoraram e não há um pingo de sensibilidade nelas."

"Mas existem aparelhos que podem ajudá-lo. Por exemplo, você poderá sentar-se e levantar-se sem ajuda; ou então vestir-se ou despir-se sòzinho..."

Marcelo permanecia quieto. Nem parecia ouvi-la.

"Hugo morreu, não é?" perguntou finalmente.

"Sim, Marcelo morreu."

"Eu sabia, porque quando perguntei sôbre êle, o dr. Décio agiu estranhamente."

"Quanto tempo faz que o dr. Décio estêve aqui?"

"Saiu há alguns minutos. Estava à sua procura, Joana. Eu não quero ir agora, vamos deixar para amanhã?..."

"Não adianta adiar, Marcelo."

"Mas eu sei que não adianta. Por que Hugo foi embora? Não podia ser eu?"

"Sua mãe precisa de você, Marcelo.

"Não, não precisa. Já estou aqui há seis meses e ela tem se arranjado muito bem sem mim."

"Não é verdade."

"Joana," disse o dr. Décio entrando no quarto. "Está muito ocupada? Pode vir comigo um momento?"

"Voltarei logo, Marcelo," disse Joana saindo.

O dr. Décio andou alguns passos e depois falou: "Gostaria que você ajudasse Corina a arrumar a mala. Êles vão para casa agora e ela vai ficar fora por uns tempos."

"Claro, diga a Marcelo que voltarei logo."

"Direi. Joana..."

"Sim?"

"Obrigado."

Durante as semanas que se seguiram, Joana sentiu-se miserável. Por momentos pensava que era por causa da morte de Huguinho e do entêrro, mas agora sabia que era mais que isso. Sabia que era desespêro novamente. Sentia-se exatamente como antes de ir para Pilares. Tentou trabalhar até esgotar-se, para que à noite pudesse adormecer. Mas à noite continuava sem sono. Fechou-se no-

vamente dentro de si mesma, mais decidida do que nunca a não se afeiçoar a ninguém mais. As enfermeiras, que haviam começado a gostar dela afastaram-se novamente.

Joana trabalhava bastante, mas parecia não encontrar alegria em seu trabalho, como encontrara logo ao chegar. Seu único prazer era tratar de Marcelo. Certo dia foi ao quarto de Marcelo e encontrou o dr. Décio lá.

"Marcelo já está pronto para receber alta," disse.

"Verdade? É Maravilhoso."

"Êle não quer que chamemos a mãe."

"Ainda não estou pronto para sair do hospital. Tenho que encontrar um lugar... Joana, posso fazer muitas coisas, mas antes tenho de encontrar um lugar..."

"Não chamaremos sua mãe enquanto você não disser que podemos," disse o dr. Décio.

"Marcelo, alguma vez eu lhe disse algo que fôsse mentira?" perguntou Joana.

"Não."

"Bem, quando fui à fazenda de Corina, conheci sua mãe e ela disse-me o quanto precisa de você. Disse-me também que estava fazendo mais do que podia. Ela precisa de alguém que tome conta daquelas crianças."

"Estive pensando a respeito... de Hugo. Alguém precisa cuidar dos pequenos, para que não caiam dos cavalos. São ainda pequenos para cavalgar."

"Quando podemos chamar sua mãe, Marcelo?"

"Agora mesmo. Joana. Vou para casa!"

Quando o dr. Décio e Joana dirigiam-se para o telefone, iam silenciosos. Joana sentia um nó na garganta, que parecia aumentar. Sabia que devia sentir-se contente por causa de Marcelo, mas por qualquer razão não estava. Não terei mais nada a fazer, pensou, quando êle fôr embora. Nada mais me prenderá aqui.

Ao chegarem ao telefone, sentiram certa tensão no ar. A atitude das enfermeiras e o seu silêncio embaraçoso mostrava-lhes que algo estava errado. Joana, avistando Corina descer para o saguão, sentiu que algo estava errado com ela. Notara que por várias vêzes, Corina causara confusão entre as enfermeiras. Havia mesmo sido rude, pensou Joana.

"Alguma dificuldade?" perguntou o dr. Décio, procurando no arquivo a ficha de Marcelo.

"Dificuldade?" replicou Ofélia com sarcasmo. "Nunca temos dificuldade..."

"Corina tem dado trabalho novamente?" O médico não voltou os olhos às fichas, mas continuou escrevendo. E como ninguém respondesse, assinou a ficha de alta de Marcelo e saiu.

Joana procurou o número do telefone da mãe de Marcelo e começou a discar. Sentiu-se alegre por ter algo que fazer, para desanuviar a atmosfera. Estava contente, também, por ser a primeira a dar a notícia da alta de Marcelo e bem podia imaginar a alegria que daria à mãe dêle. Depois de haver falado colocou o fone no gancho e foi procurar Corina.

Como não a encontrasse no refeitório, foi até o quarto. Corina lá estava e quando Joana entrou, Corina levantou e apanhou a bôlsa.

"Um momento, Corina," disse. "Preciso falar com você."

"Sôbre o que?"

O tom de voz de Corina certamente não era normal. Joana não sabia realmente sôbre o que queria conversar com ela, mas perguntou, "O que aconteceu hoje? Alguém a ofendeu?"

"O que quer dizer?"

"Quando eu e o dr. Décio saíamos do quarto de Marcelo notámos que a atmosfera estava um pouco carregada. E que você estava saindo apressada."

"Não tenho a menor idéia do que aconteceu. Pelo que sei, tudo está indo muito bem."

O telefone tocou; Joana estava mais próxima, por isso atendeu. Mas antes Corina disse: "Se é o Décio diga que saí e que êle sabe aonde fui."

Joana esperou que a porta se fechasse e depois atendeu. Era realmente o dr. Décio e esta transmitiu-lhe o que Corina pedira e ainda disse: "Oh, dr. Décio, estou tão preocupada com ela, pois anda tão estranha!..."

"Não esperava que você notasse. Quando a vir, diga-lhe que a espero no refeitório. Tenho algo importante para lhe falar."

À noite Joana deitou-se e, por longo tempo, ficou pensando no escuro. Os ruídos da noite levaram-na de volta à primeira noite em que ficara assim. Desejou ter a mesma sensação de contentamento do primeiro dia. Mas agora os seus sentimentos estavam confusos e começava a achar que devia pedir demissão.

Mas onde irei? E o que farei?, perguntava a si mesma. Se fôr a outro hospital, logo acontecerá a mesma coisa. Estava começando a adormecer quando ouviu a chave de Corina na fechadura.

Corina começou a despir-se lentamente, sem acender a luz, para não acordar Joana, mas esta pronunciou o seu nome baixinho.

"Sei que estou atrasada," disse, e sua voz era sarcástica.

"Não muito. Sente-se melhor?"

"Sinto-me muito bem", replicou Corina.

"Corina, você tem que dominar-se. Assim você sòmente torna as coisas mais difíceis."

"Joana, nunca me senti melhor. Sinto que finalmente sou adulta; finalmente sei onde quero ir e como chegar lá."

"Você tem sorte, então. Nem todos conseguem isso."

"Você sabe, Joana. E agora eu também sei. Sei que você estava certa o tempo todo... temos que nos proteger para que nada nos atinja. Vou fazer assim. Vou ser uma boa enfermeira, como você.

As grossas lágrimas que caíam dos olhos de Joana a surpreenderam tanto, que não ousou dizer mais nada. Não queria que Corina a visse chorando silenciosamente. Gostaria de dizer a Corina que ela estava errada. Mas, será que estava? Joana não sabia. E isso a assustava e a deixava doente. A noite era longa e ela não sentia sono.

A primeira coisa que percebeu quando acordou foi o insistente tilintar do telefone. Era o dr. Décio.

"Onde está Corina?" foi sua pergunta.

"Não sei. Não está em sua cama."

"Você lhe disse o que pedi?"

"Eu..." E por um momento Joana não conseguiu lembrar se havia dito ou não. "Conversamos, mas acho que esqueci..."

"Joana, espero que esteja satisfeita. Percebe o que fêz a ela? Importa-se que esteja se retraindo tanto que mal posso falar com ela? Por um momento pensei que você havia voltado a ser humana. Mas o seu coração ainda está fechado. Tão fechado que nada sai dêle; mas acontece que nada entra, tampouco." Vou casar-me com Corina."

O médico desligou e Joana sentiu vontade de chorar, mas não tinha lágrimas. Apresentarei meu pedido de demissão hoje mesmo, pensou. E depois... depois o que? Vestiu-se calmamente e dirigiu-se ao escritório do dr. Nilo. *Continua.*

NO PANAMÁ A FÉ SUBSTITUI O CONCRETO

Nas Ilhas San Blás, o sucesso da pregação do Evangelho aos lamanitas tem sido espantoso. Embora a pregação tenha começado há pouco tempo, o povo tem mostrado grande interêsse por todos os assuntos da Igreja.

Na Ilha Mulatupo-Sasardf, dêsse arquipélago, com mil habitantes, os líderes mostraram grande fé ao convidar os missionários mórmons. Os homens da ilha, em apenas cinco dias, erguaram uma nova "choza" (edifício para capela) de troncos e fôlhas. O edifício é um dos maiores da ilha, e também um dos melhores, segundo o código arquitetônico dos índios Cuna. Sob a direção dos élderes, fêz-se uma importante inovação na arquitetura local. Foi introduzida a janela na "choza" de San Blás.

Com o nôvo edifício da Igreja, foram notadas mudanças nos costumes da Ilha. O conceito de tempo anteriormente vigente ali era o espaço compreendido entre as visitas periódicas do barco de suprimentos. Atualmente também aguardam pelo som do "caracol" (trombeta de concha) que anuncia o início das reuniões da Igreja.

O uso da Chicha (cachaça) e do fumo estão também perdendo a popularidade entre os índios como resultado dos ensinamentos da Palavra de Sabedoria trazida pelos missionários.

Esta capela de troncos e fôlhas foi construída em cinco dias pelos próprios membros da Ilha Mulatupo – Sasardf.

CONJUNTO DE DANÇA TEM FAMA MUNDIAL

É crescente o sucesso do famoso conjunto "Brigham Young University Folk Dancers", que anualmente apresenta o espetáculo "O Natal Em Todo O Mundo", no qual 200 participantes executam alegres danças de mais de vinte nações, em coloridos trajes regionais.

O grupo tem realizado mais de 70 espetáculos por ano, e desde 1965 tem se tornado conhecido em vários continentes. O sucesso da sua excursão à Europa, em 1964, resultou em vários convites para dançar na América Latina, Canadá, Suécia, Holanda, Portugal, Grécia, Áustria, Hungria e Iugoslávia.

A fim de atender seus crescentes compromissos, no ano passado foram acrescentados novos trajes típicos ao armário do departamento americano e escandinavo da organização, que agora pode vestir 48 dançarinos com trajes regionais de treze nações.

Dan Lee e Jane Black são dois dos duzentos que viajaram pelo mundo.

not notíc notícias

Escritor indígena Artur Wakolee encontra resposta no Livro de Mórmon.

ENCONTROU O VERDADEIRO REGISTRO DOS SEUS ANCESTRAIS

Após ter lido e estudado o Livro de Mórmon, Arthur Wakolee, de 73 anos, pele-vermelha das tribos Saux e Fox, nêle reconheceu os sinais da veracidade da Igreja que seu avô lhe dissera que encontraria: A Vara de Judá e a Vara de José; e também o verdadeiro registro dos seus ancestrais.

Isso é contado em seu livro recém publicado, em co-autoria com sua filha branca adotiva Pat Wakolee, no qual além de narrar sua vida, compila vários ensinamentos indígenas sôbre Jesus Cristo. Arthur é membro ativo há quinze anos e tem um grande testemunho do Evangelho. Quando menino, ficou cego e os médicos afirmaram que jamais voltaria a ver. Graças às orações, jejum e medicamentos dos seus avós, recuperou a visão.

JÓIAS DO PENSAMENTO

POR

RICHARD L. EVANS

Foto de Rui M. Bronze

Paciência e Castigo

Os nossos sentimentos e as nossas reações variam em diferentes ocasiões. Em certas horas e certos dias, nosso humor fará com que mesmo problemas sérios pareçam solucionáveis, enquanto que em certos dias e em certas noites os problemas mais insignificantes nos pareçam mais sérios. Há muito na mente, muito no espírito, muito no intangível, indefinível humor do momento. Algumas vêzes as irritações prejudicam mais ainda, embora algumas vêzes nos pareça que temos um fácil antídoto para ela. Algumas vêzes freamos o nosso temperamento e controlamos as nossas línguas, enquanto em outras ocasiões deixamos que fiquem soltos em situações quase idênticas. Algo dito em certa ocasião recebemos com bom humor, enquanto noutra ocasião nos ofende. A mesma crítica que em certa ocasião nos fará rir, noutra ocasião nos derreterá em lágrimas. Tais são as variações. E, não são sòmente as palavras que têm importância mas quem as diz, como as diz, quando e o que nós sentimos. E os problemas sérios, do mesmo modo, parecem ainda maiores do que são, e as pessoas do mesmo modo perdem a perspectiva — tudo o que foi dito mostra a importância da paciência, da compreensão, do auto-domínio, da sensibilidade aos sentimentos alheios e da sensibilidade para as situações. Uma facêta dêste assunto nos diz que não devemos punir os outros pelo que, realmente, está dentro de nós. Quando uma criança faz alguma arte sem conseqüências, porém irritante, se estivermos cansados e tensos podemos dizer palavras duras e cortantes muito além do que seria justo. A ocasião e o mau humor podem ditar o que é feito; independentemente da razão, são elas que disparam o nosso temperamento. E por isso algumas vêzes as crianças sofrem com a nossa impaciência e com as nossas queixas. Tudo isso nos aconselha a sermos reservados, controlados, a têrmos consideração em tôdas as circunstâncias e a abordarmos os problemas com paciência, já que todos nós os temos. E bater numa criança com raiva, seja pelo que fôr, é um sinal de imaturidade. "Nenhum homem é livre", disse Epictetus, "se não fôr mestre de si mesmo". E êle poderia ter acrescentado, se punir os outros pela sua impaciência. Quanto às crianças: Nós deveríamos censurá-las menos pelo que nós sentimos; sermos mais condescendentes pelos seus erros e menos condescendentes com os nossos.

Quincas e Neco jantavam juntos. Quando veio o peixe, Quincas serviu-se do pedaço maior. "Que belas maneiras tem você," disse Neco. "Se eu me tivesse servido primeiro, teria tomado o menor pedaço. " "Então de que te queixas?" disse o outro, "Foi o que tomaste, não foi?"

"Sinto muito arrastá-lo tão longe numa noite medonha como esta, doutor." "Não tem importância. Tenho outro paciente na vizinhança e assim mato dois coelhos com uma só cajadada."

Nada aborrece mais uma dona de casa que receber visitas inesperadas que encontram a casa naquele aspecto de sempre.

Acharíamos estranho que Deus fizesse uma terra e não a visitasse.

Stephen G. Covey.

Se você disser a verdade não terá que lembrar-se de nada. Mark Twain.

Deixe de fanfarronice. Não é o apito que puxa o trem.

Freqüentemente ouço as pessoas queixarem-se das suas dificuldades e parece-me tolice; quase não as noto. Heber C. Kimball.

Qualquer ato em nossa vida tange a corda que vibrará na eternidade.

Se dermos tudo quanto possuirmos pela vida eterna, ainda assim será a melhor barganha que poderemos fazer. Sterling W. Sill

A probabilidade de ter-se originado a vida de um acidente é comparável à probabilidade de um dicionário ter-se originado de uma explosão na tipografia. Prof. Edein Conklin, Biólogo da Universidade de Princeton.

Meu pequeno vizinho, descrevia maravilhado a primeira tartaruga que vira em sua vida: "É uma camaradinha redondinha que engole a cabeça e soca os pés nos bôlsos!" Gladys Cabtree.

Artigo de Capa

A imagem de um nascer do sol sôbre o mar traz-nos ao pensamento o infinito do tempo e o infinito do espaço e quando, movidos pelo sentimento de assombro detemo-nos para examinar a vida à luz do evangelho restaurado, sentimo-nos quase esmagados diante da amplitude do panorama que somos convidados a contemplar.

A mente humana não é capaz de apreender perfeitamente os conceitos de eterno e de infinito, pelo menos neste estágio de mortalidade que atravessamos. Podemos, entretanto, perscrutar os horizontes, assombrando-nos com a imensidão sem fim do universo e podemos meditar sôbre o tempo anterior e futuro, sentindo a irrelevância aparente do dia que passa em face da eternidade.

Para que não nos perdêssemos em divagações estéreis, acabando por nos tornarmos apáticos pela suposição de que nada é urgente, nada há que precise realmente de ser iniciado e terminado dentro de certo prazo, uma vez que o tempo é infinito e sempre seria possível deixar para depois a realização de alguma coisa que nos apraz fazer no momento, o Senhor dividiu a nossa vida eterna em etapas finitas, dentro das quais existe o sentido da urgência, a necessidade imperiosa de completar certa obra antes que se faça tarde demais.

Existe algo a ser feito antes que o dia decline, algo a terminar antes que o inverno chegue, ou antes que o vigor dos anos da juventude ceda lugar ao desalento dos dias outonais.

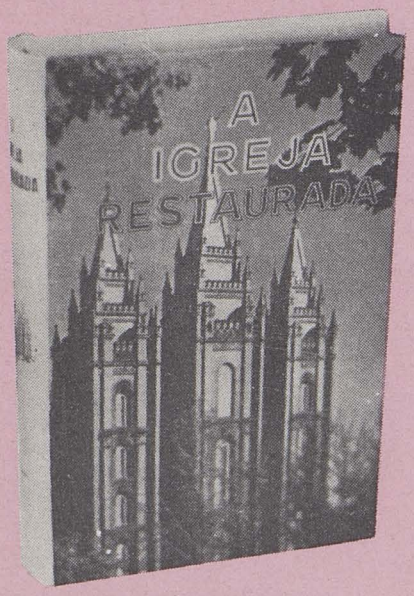
Vale a pena pensarmos um pouco em tôdas essas coisas agora que iniciamos um nôvo ano de vida. Temos agora, na realidade, atrás de nós, um ano menos a ser vivido. 1966 já passou e nunca mais há de tornar. Se o aproveitamos bem, alegramo-nos procurando repetir em 1967 os sucessos alcançados e aperfeiçoando as vitórias conseguidas. Se não fomos capazes de realizar o que de nós se esperava, o que sonhávamos no íntimo, ou o que o Senhor nos apontou como alvo para a vida, sejamos pelo menos gratos por recebermos mais uma oportunidade e lancemo-nos à tarefa de viver cada hora do nôvo ano que o Criador abre diante de nós, como se nela devêssemos inscrever os últimos atos de nossa passagem pelo mundo.

Muitos foram os que tombaram durante o último ano e não tiveram esta mesma oportunidade que agora nos é dada. Quantos de nós veremos nascer novamente o sol sôbre 1968?

Um nôvo dia nasce, um nôvo ano se inicia. Vivamo-lo como se fôsse o último que o Senhor nos concede, sabendo, entretanto, que a vida não termina aqui e que o futuro eterno depende da maneira como dispendemos o nosso tempo nesta experiência passageira.

LEITURA MEMORÁVEL

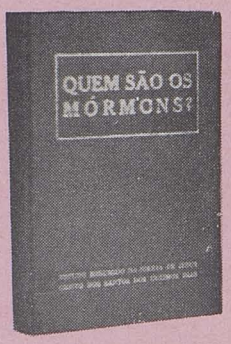
Livros que serão companheiros, livros importantes que aprofundam o seu conhecimento do evangelho... êsse é o tipo de livros que você encontrará no Centro Editorial Brasileiro



Cr$ 7.000

A IGREJA RESTAURADA

Em magnífica apresentação a quatro côres, encadernado em percaline, profusamente ilustrado com fotografias e mapas históricos, êste volume propicia um estudo essencial da história do desenvolvimento e da doutrina dos santos dos últimos dias. Tem sido de largo uso nos seminários e escolas da Igreja, estando agora em sua décima edição em inglês e primeira em português. Oferece ainda extensa bibliografia e completo índice de referências.



Cr$ 1.000

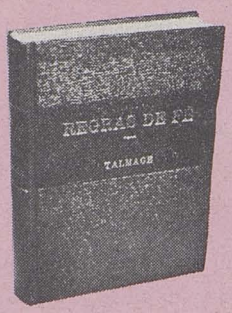
QUEM SÃO OS MÓRMONS?

Um estudo resumido da Igreja, apresentando de maneira agradável e franca resposta às perguntas iniciais sôbre o mormonismo, tais como, "quem são êles, em que acreditam, qual é o seu programa." Amplamente ilustrado com fotografias históricas.

Cr$ 1.100
Cr$ 1.500 c/ capa

O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, em quatro côres, êste importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui uma ótima sugestão para um presente inspirador.



Cr$ 1.120

REGRAS DE FÉ

Apresenta um estudo das principais doutrinas da Igreja, de forma aperfeiçoada e em parte reescrita. Contém conhecimentos indispensáveis tanto ao membro da Igreja quanto ao observador de fora; esta obra foi traduzida para as principais línguas do mundo.

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

Rua Afonso Braz, 464 -
fone 61-2344 - São Paulo

Peça agora!

Centro Editorial Brasileiro - Rua Afonso Braz, 464 - fone 61-2344 - São Paulo

Quem são os mórmons? ☐ *A Igreja Restaurada* ☐

O Livro de Mórmon ☐ *Regras de Fé* ☐

Incluso cheque visado pagável na Praça de São Paulo

Nome .....

Endereço .....

Cidade ..... Estado .....

21 FEB 1967